

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

ESTADO E CRISE DO NEOLIBERALISMO: concepções e particularidades

Rodolfo Francisco Soares Nunes, Universidade Federal do Maranhão; Mestre em
Desenvolvimento Socioeconômico; rodolfofsn@gmail.com.

Coordenador

Suzane Rodrigues da Silva, Universidade Federal do Maranhão; Mestra em Políticas
Públicas; suzane-r.s@live.com.

Laryssa Costa Silva, Universidade Federal do Maranhão; Mestra em Desenvolvimento
Socioeconômico; laryssa1costa@gmail.com.

Denise de Jesus Albuquerque, Universidade Federal do Maranhão; Mestra em Políticas
Públicas; denicst@yahoo.com.br.

RESUMO

A relação orgânica entre o capital e o Estado nos permite apontar a crise como movimento inerente ao próprio processo de acumulação. Desta maneira, a investigação das causas (últimas e primeiras) das crises do sistema capitalista de produção proporciona trilhar caminhos investigativos acerca de concepções e particularidades do próprio sistema. Partido do método materialista histórico-dialético, a presente mesa busca apontar diferentes aspectos (universais, particulares e singulares) da relação entre o Estado e a crise neoliberal. No que se refere às concepções, as causas das crises são tratadas sob a perspectiva da Lei de Tendência à Queda da Taxa de Lucro e do Subconsumo, ambas correntes partindo do entendimento de que a crise é inerente e necessária ao processo de acumulação. Tais entendimentos são aplicados à crise financeira de 2007 e que teve seus desdobramentos na sociedade a partir de então. Quanto às particularidades da crise do capitalismo, a desigualdade de gênero é abordada no contexto das transformações ocorridas no mercado de trabalho do Brasil e Argentina com a adoção da cartilha neoliberal na década de 1990, que ocasionaram desajustes significativos nos setores produtivos dos dois países. Os momentos de maior ruptura do sistema de produção despertam fenômenos sociais que sempre mantiveram seu espectro presente na sociedade. Desta maneira, a ascensão do neofascismo no Brasil é apresentada sob a perspectiva da crise do neoliberalismo, apontando-se como a expansão da percepção do fenômeno é fundamental para a sua compreensão, enfrentamento e, não obstante, sua superação.

Palavras-chave: Estado. Crise do Neoliberalismo. Economia Política. Desigualdade de Gênero.

ABSTRACT

The organic relationship between capital and the State allows us to point out the crisis as a movement inherent to the accumulation process itself. In this way, the investigation of the causes (ultimate and first) of the crises of the capitalist system of production makes it possible to tread investigative paths about conceptions and particularities of the system itself. Starting from the historical-dialectical materialist method, this table seeks to point out different aspects (universal, particular and singular) of the relationship between the State and the neoliberal crisis. With regard to the conceptions, the causes of the crises are treated from the perspective of the Law of Tendency to the Fall of the Profit Rate and Underconsumption, both currents starting from the understanding that the crisis is inherent and necessary to the accumulation process. Such understandings are applied to the financial crisis of 2007 and which had its consequences in society from then on. As for the particularities of the crisis of

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



capitalism, gender inequality is approached in the context of the transformations that occurred in the labor market in Brazil and Argentina with the adoption of the neoliberal primer in the 1990s, which caused significant mismatches in the productive sectors of both countries. The moments of greatest rupture in the production system awaken social phenomena that have always maintained their presence in society. In this way, the rise of neo-fascism in Brazil is presented from the perspective of the crisis of neoliberalism, pointing out how the expansion of the perception of the phenomenon is fundamental for its understanding, confrontation and, nevertheless, its overcoming.

Palavras-chave: State. Neoliberal Crisis. Political Economy. Gender Inequality.

A QUEDA DA TAXA DE LUCRO E A ELEVAÇÃO DOS NÍVEIS DE EXPLORAÇÃO SOBRE O PROLETARIADO

Suzane Rodrigues da Silva

RESUMO

Parte-se do entendimento que a crise possui três causas fundamentais, que se exprimem na queda da taxa de lucro, financeirização e subconsumo das massas, contudo nesse artigo se dará ênfase apenas a causa imediata da crise: a queda da taxa de lucro. Este trabalho possui como principais objetivos: analisar a relação entre a queda da taxa de lucro e a elevação dos níveis de exploração sobre o proletariado em tempos de crise, e discutir os principais aspectos que aumentam os níveis de exploração sobre o proletariado em tempos de crise trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, cujo método utilizado foi o materialismo histórico-dialético. Como resultado pode-se concluir que a superexploração do proletariado ao mesmo tempo em que atenua a causa imediata da crise, perpetua a reprodução do capital social total.

Palavras-chave: Crise. Queda da taxa de lucro. Exploração.

ABSTRACT

It starts from the understanding that the crisis has three fundamental causes, which are expressed in the fall in the rate of profit, financialization and underconsumption of the masses, however, in this article, only the immediate cause of the crisis will be emphasized: the fall in the rate of profit. The main objectives of this work are: to analyze the relationship between the fall in the rate of profit and the rise in levels of exploitation of the proletariat in times of crisis, and to discuss the main aspects that increase the levels of exploitation of the proletariat in times of crisis. this is a bibliographic research with a qualitative approach, whose method used was dialectical historical materialism. As a result, it can be concluded that the super-exploitation of the proletariat, while attenuating the immediate cause of the crisis, perpetuates the reproduction of total social capital.

Keywords: Crisis. Falling rate of profit. Exploration

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo a temática referente as crises não receberam atenção devida pelos teóricos da economia, havia um reconhecimento das mesmas, mas não um estudo desenvolvido sobre ela até a década de 1930, a partir desse período o conceito de crise foi incorporado a vertente teórica fundada por Keynes, o autor em referência concebe a crise como uma possibilidade que pode ser superada, mediante a intervenção estatal na correção dos desequilíbrios criados pelo livre movimento do mercado (GRESPLAN, 2018).

Contudo, para Marx as crises não são uma mera possibilidade de desarranjo das forças de mercado, causada pela falta de convergência entre queda do consumo e aumento dos investimentos privados, nem algo ocasionado por fatores externos ao modo de produção capitalista, mas algo inerente a ele. Sendo assim uma epidemia ou um desastre ambiental podem agravar uma crise, mas não a causam, pois elas advêm - não somente, mas também - da relação predatória do capital sobre a natureza (GRESPLAN, 2018).

Considerando a crise como um fenômeno inerente ao Modo de Produção Capitalista, ela pode ser atenuada, mas nunca extinta do capitalismo, por expor uma contradição inerente ao capital, quando ele exclui o elemento responsável pela geração de valor e pela valorização, a saber: o trabalho vivo, que não apenas produz valor para o capital, como também mede o valor em cada etapa do processo de valorização (GRESPLAN, 2018).

Assim quando o capitalista reduz o trabalho vivo, substituindo-o por máquinas e outros equipamentos, ele “exclui a capacidade de medir-se e ocorre na desmedida, em outras palavras a perda da medida leva a sua desvalorização” (GRESPLAN, 2018, p.59).

Quando isso acontece há uma desvalorização do capital existente, o que compromete a base do seu crescimento, essa condição desmascara a ideia do capital ser valor que se valoriza, pois o capital pensa ter capacidade de valorizar, ao

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



incorporar formalmente a força de trabalho através de sua contratação jurídica, criando a partir disso formas de se medir (medidas formais), como a taxa de lucro e a taxa de juros, que acabam sendo contrariadas pela verdadeira forma de mensuração (medida real): a taxa de mais-valia (GRESPLAN, 2018).

Essa contradição entre as medidas reais e formais atreladas ao trabalho, é o que Marx define como desmedida, e que por sua vez define a crise, e como desmedida a crise é um elemento muito importante nas análises construídas por Marx sobre o modo de produção capitalista.

Este trabalho possui como principais objetivos analisar a relação entre a queda da taxa de lucro e a elevação dos níveis de exploração sobre o proletariado em tempos de crise, e discutir os principais aspectos que aumentam os níveis de exploração sobre o proletariado em tempos de crise. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, cujo método utilizado foi o materialismo histórico dialético, nesse sentido a base teórica para compreensão da queda da taxa de lucro e da superexploração como uma das suas principais contratendências, são as formulações construídas por Marx nas obras que compõe O Capital, contudo esse referencial teórico é complementado por contribuições teóricas de autores marxistas, que buscaram compreender a partir do referencial supracitado, a problemática da crise levando em conta seus efeitos, possibilidades de desenvolvimento e aprofundamento, bem como o desenvolvimento dos atenuadores de suas causas no âmbito do Modo de Produção Capitalista, sendo assim se partiu dos seguintes autores (FARIAS, 2015); (MANDEL, 1990); (GRESPLAN, 2018); (MARX, 2013); (MARX, 2017) para tratar das categorias: queda da taxa de lucro; crise e exploração.

Partindo do entendimento de (FARIAS, 2015) sobre crise, neste trabalho se trará enfoque a sua causa imediata, a saber: queda da taxa de lucro, que ocorre quando o conjunto dos mecanismos mediadores das contradições inerentes à reprodução do capital, não conseguem assegurar totalmente a reprodução do capital social total.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Sobre a causa imediata da crise, sabe-se que uma das formas atenuadoras da mesma é a elevação dos níveis de exploração sobre o proletariado, assim o trabalho encontra-se dividido em duas partes estruturantes: na primeira se discute os fundamentos teóricos da queda da taxa de lucro, para em seguida apontar uma de suas principais contratendências, a saber: a superexploração, para tanto primeiro se tomou por base o tratamento da questão em Marx, para posteriormente se passar a discussão de suas modalidades predominantes para a obtenção da taxa de mais-valia, e conseqüentemente para a atenuação da queda da taxa de lucro.

2 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A CRISE E A QUEDA DA TAXA DE LUCRO

A queda da taxa de lucro é a causa imediata da crise, tal queda se dá quando os mecanismos que mediam as contradições sistêmicas, não conseguem mais dar conta de prover de forma integral a reprodução do capital social total. Vale destacar, que a crise possui ainda causas fundamentais e uma causa última, porém nesse trabalho se dará ênfase a queda da taxa de lucro (FARIAS, 2015).

Isto posto, parte-se das condições de equilíbrio do processo de reprodução do capital social total, uma vez que a taxa de lucro é a força motriz do processo de valorização do capital. Contudo, de acordo com a lei tendencial da queda da taxa de lucro, quando a taxa de lucro sofre redução, despontam fenômenos como a superprodução de capitais, crise, especulação e a superpopulação relativa, pois o decréscimo da taxa de lucro em relação ao nível de produção, significa um grande volume de produção/acumulação, diante de um volume pequeno de mais-valia que serve para valorizar todo o capital produzido em um determinado circuito (FARIAS, 2015).

Sendo assim, a superprodução ou superacumulação advém de uma produção que se deu em uma quantidade excessiva, diante da massa de mais-valia produzida para valorizar aquele capital (FARIAS, 2015).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Dessa forma a causa imediata da crise é acompanhada de uma superprodução de capital, porém mesmo sabendo disso, se faz necessário estabelecer uma articulação causal mais precisa entre as mediações pertencentes a esfera da produção, da circulação e da concorrência entre os capitalistas, para assim traçar melhor explicação para a crise (MANDEL, 1990). Entende-se que a articulação entre essas esferas se dê da seguinte forma:

Parte-se de uma conjuntura na qual se retomou os níveis de crescimento, nela há um aumento da composição orgânica do capital por conta do progresso técnico, contudo esse progresso não ocorre de forma neutra, pois é algo intencional do capital para enxugar o quantitativo de força de trabalho existente. Quando os capitalistas passam a substituir de forma crescente o trabalho vivo por máquinas tecnologicamente avançadas, eles diminuem as margens de lucro obtidas, e isso começa acontecer devido ao alto valor pago pelo investimento em máquinas e outros insumos, mesmo que se eleve os níveis de exploração sobre o trabalho vivo (GRESPLAN, 2018).

Para aumentar a taxa de lucro os capitalistas tendem diminuir os custos com a produção, porém isso fica difícil em um período de acumulação de capital, pois nesse período: a) quanto mais à economia se expande mais empregos são gerados e o exército industrial de reserva diminui, e com a diminuição desse último se torna mais difícil obter taxas crescentes de mais-valia pela via aprofundamento da superexploração, pois a dinâmica do mercado de trabalho se tornou mais favorável ao exército ativo de trabalhadores, cujo poder de classe se fortalece dependendo da forma em que estão organizados; b) quanto maior é o período de expansão menor são as condições de manter a baixa dos preços das matérias-primas, pois “as condições de produção desse setor são menos elásticas (mais dependentes dos fatores naturais)” (MANDEL, 1990, p. 204); c) quanto maior é a aceleração da expansão, mais difícil é para os países de capitalismo central encontrar regiões em que a composição orgânica do capital seja mais baixa possibilitando maior lucratividade, com exceção das nações industrializadas dirigentes (MANDEL, 1990).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A soma desses fatores gera em certo nível, um rebaixamento do padrão de acumulação da taxa de lucro, essa por sua vez acentua a concorrência entre os capitalistas, provocando a concentração e centralização de capitais nas mãos dos grandes capitalistas, “(...) em contrapartida as massas dos pequenos capitais fragmentados, são forçados a enveredar pela aventura: especulação, dilatação abusiva do crédito, blefe sobre as ações, crise” (MARX, 2017, p. 5880).

Vale acrescentar que, na reprodução do capital os capitalistas não desconhecem as particularidades dos problemas colocados por essa reprodução, e as soluções imediatas apresentadas para a superação da mesma, geralmente contribuem para a perpetuação da reprodução do capital social total, tal perpetuação implica na ausência de proporcionalidade das trocas entre os departamentos da reprodução do capital social total, bem como na continuidade da relação de exploração dos capitalistas sobre os trabalhadores.

Em relação à exploração, sabe-se que a elevação de seus níveis sobre o proletariado, é um dos mecanismos usados para a atenuação da queda da taxa de lucro. Assim, importa desenvolver debate em um primeiro momento sobre sua ocorrência no Modo de Produção Capitalista, para posteriormente apontar as suas modalidades predominantes no modo de produção em referência.

3 A EXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

O trabalho envolve a relação homem e natureza, “processo este em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza (...) a fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida” (MARX, 2013, p. 326-327). A diferença entre o trabalho que o homem realiza no processo de transformação da natureza e aquele desenvolvido pelos animais, se encontra na capacidade de antecipação do resultado de seu trabalho (MARX, 2013).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Contudo, no Modo de Produção Capitalista o trabalho adquire outros contornos, pois nesse modo de produção o homem não produz para atender exclusivamente suas próprias necessidades, e nem detém a posse de meios para tal fim, não sendo essa uma relação (...) comum a todos os períodos históricos” (MARX, 2013, p. 315), mas uma relação pertencente ao capitalismo. Essa dinâmica relacional corroborou com a formação das duas principais classes sociais antagônicas: aqueles que detêm a posse dos meios de produção e aqueles que possuem somente a sua força de trabalho e que desejam vendê-la.

Quando o trabalhador consegue vender a sua força de trabalho, tal mercadoria tem seu valor de uso pertencente ao capitalista, que espera que esse trabalhador faça uso dos meios de produção para lhe acrescentar lucro, ou seja, que se produza “(...) não apenas valor de uso, mas valor, e não só valor, como também mais-valor (...)” (MARX, 2013, p. 338).

Assim, ao final de um processo de produção o desejo do capitalista individual é que o dinheiro por ele adiantado (D) resulte na produção de mercadorias (M), cuja venda derive em “(...) um acréscimo ao dinheiro (D’) inicialmente investido por ele, ou seja, a geração da mais-valia” (MARX, 2017, p. 68). Parte disso se torna possível graças à exploração da força de trabalho.

Em relação à exploração Marx expõe sua teoria sobre a mesma depois de estabelecer sua compreensão, sobre valor e valor de uso da mercadoria força de trabalho. Nesse sentido, é importante pontuar que o processo de produção capitalista é unidade dialética do processo de trabalho e do processo de valorização do valor, e que o processo de valorização do valor corresponde ao processo de exploração do trabalhador(a) (MARX, 2013). Sendo assim Marx compreende a exploração no seguinte processo:

O valor do capital variável é igual ao valor da força de trabalho por ele comprada, e o valor dessa força de trabalho determina a parte necessária da jornada de trabalho, enquanto o mais-valor, por outro lado, é determinado pela parte excedente da jornada de trabalho, concluímos que o mais-valor está para o capital variável como o mais-trabalho está para o trabalho necessário, ou, em outras palavras a taxa de mais-valor $m/v = (\text{mais-trabalho}/$

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



trabalho necessário). Ambas proporções expressam a mesma relação de modo diferente, uma na forma de trabalho objetivado, a outra na forma de trabalho fluido. A taxa de mais-valor é, assim, a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista (MARX, 2013, p.375).

A extração de mais-trabalho é um processo fundamental para o Modo de Produção Capitalista, estando ele presente em todas as nações que o adotam como regime econômico e político independentemente do nível de desenvolvimento que ele esteja (SOUZA, 2017). Assim:

“(…) onde quer que uma parte da sociedade detenha o monopólio dos meios de produção, o trabalhador, livre ou não, tem de adicionar ao tempo de trabalho necessário à sua auto conservação, um tempo de trabalho excedente afim de produzir os meios de subsistência para o possuidor dos meios de produção” (MARX, 2013, p. 394).

Tal situação configura exploração da força de trabalho, essa exploração no capitalismo sofre determinações sociais, “(…) sendo mediada pela distribuição do trabalho e de seus produtos no mercado (...)” (FILHO, 2001, p. 30).

Todavia, a forma como a exploração consegue coexistir com a liberdade concedida ao proletariado na relação compra e venda de sua força de trabalho não se mostra de forma muito clara no Modo de Produção Capitalista. Nesse sentido, pode-se afirmar que o alcance de uma compreensão completa sobre a relação entre exploração e liberdade, pode ser feita por meio da teoria marxista, uma vez que ela oferece explicação sobre como o proletariado formalmente livre e partícipe do exército ativo de trabalhadores, permanece na condição de explorado (FILHO, 2001).

Isto posto, entende-se que o proletariado é um sujeito imerso no Modo de Produção Capitalista, resultante por um lado da despossessão - “alienação do objeto constituído diante de si, o poder da propriedade privada” (ALVES, 2009, p. 82) – e por outro lado da subalternização, da alienação do processo de trabalho (ALVES, 2009).

Assim, o homem proletário é subalterno às objetivações sociais, que se materializam na “classe social, ideologia, Estado político e salário. O proletário como indivíduo de classe está imerso na subalternidade dada pela divisão hierárquica do

PROMOÇÃO



APOIO





trabalho, e na contingência e acaso, dada pelas relações de mercado” (ALVES, 2009, p. 82).

Tendo dito isso, é válido afirmar que no sistema capitalista a reprodução social do proletariado sofre determinação da lei do valor, dessa forma é importante fazer dois apontamentos: 1) supondo trocas semelhantes, os proprietários de mercadorias podem comandar produtos que comportem um valor de troca maior, somente se os valores de suas mercadorias aumentarem. Todavia, se a transferência de produtos for algo possível, especuladores podem adquirir mercadorias com um valor mais baixo, e vendê-las por um valor maior obtendo assim maiores lucros. Contudo, o valor total é limitado pelo valor do produto social, assim pode-se afirmar que nem todos os vendedores conseguem alcançar altos níveis de lucratividade, pois é totalmente possível que alguns lucrem à custa de outros (FILHO, 2001).

2) a exploração desenvolvida pelos capitalistas “é medida pela diferença entre o valor produzido pelos trabalhadores e o valor apropriado por eles, ou seja, os lucros totais são qualitativamente determinados e quantitativamente limitados pela mais-valia extraída” (FILHO, 2001, p. 31).

Isto posto, importa colocar de forma mais detalhada alguns aspectos, que contribuem com a manutenção e/ou expansão da extração taxa de mais-valia do proletariado.

3.1 A exploração do proletariado e seus aspectos viabilizadores

O nível de exploração do proletariado é calculado pela taxa de mais-valia (MARX, 2013), para entender melhor o cálculo da mais-valia dá-se o seguinte exemplo:

A mais-valia que o capital **C** adiantado no processo de produção produziu apresenta-se como excedente do valor do produto sobre a soma de valor de seus elementos de produção. O capital **C** decompõe-se em duas partes: uma soma de dinheiro **c** despendida com meios de produção, o capital constante, e **v** despendida com força de trabalho, o capital variável. Originalmente, portanto, é $C = c + v$, por exemplo, o capital adiantado de 500 libras esterlinas

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



= 410 libras esterlinas (constante) + 90 libras esterlinas (variável). No fim do processo de produção, surge a mercadoria cujo valor é $c + v + m$, representando m a mais-valia. Por exemplo, 410 libras esterlinas (c) + 90 libras (v) esterlinas + 90 libras esterlinas (m). O capital original C transformou-se em C' , e de 500 libras esterlinas em 590 libras esterlinas. A diferença entre ambos é $= m$, uma mais-valia de 90. Sabe-se que o valor do capital constante apenas reaparece no produto. O produto de valor realmente criado no processo distingue-se, portanto, do valor do produto obtido dele. Por isso, esse produto de valor não é $c + v + m$, mas sim $v + m$ ou 90 libras esterlinas (variável) + 90 libras esterlinas (mais-valia) = 180 libras esterlinas. Se c , o capital constante, fosse = 0, em outras palavras, se houvesse ramos industriais em que o capitalista apenas tivesse de aplicar matérias preexistentes da natureza e força de trabalho, não haveria nenhuma parte de valor constante a ser transferida ao produto, mas o produto de valor de 180 libras esterlinas, contendo 90 libras esterlinas de mais-valia, permaneceria (MARX, 2013, p. 368).

Em relação à taxa do mais-valor (m') ela corresponde à relação estabelecida m/v . O resultado dessa relação corresponde à proporção em que se valorizou o capital variável, e isso faz referência à alusão de Marx sobre a força de trabalho, a saber, de que só ela é capaz de produzir mais-valor no processo de produção. É importante que se compreenda que “a taxa de mais-valor é, assim, a expressão exata do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista” (MARX, 2013, p. 375).

O processo de exploração do proletariado no capitalismo estabelece relação com a jornada de trabalho do trabalhador(a), porém não se resume a ela. Na busca pela compreensão sobre a jornada de trabalho a partir de autores marxistas foi possível se identificar que ela se divide em duas partes: 1) em uma parte o trabalhador produz os meios necessários à sua reprodução, essa parte corresponde ao tempo de trabalho necessário; 2) a outra parte corresponde ao tempo de trabalho excedente é nesse tempo que é produzida a mais-valia. Dessa forma, a mais-valia pode ser expressa por meio da relação entre o tempo de trabalho necessário e o mais-trabalho (DAL ROSSO, 2008).

O capitalista objetiva extrair o máximo de mais-valia, pois a diferença entre o montante de mais-valia extraída e o capital total adiantado define o grau de valorização do capital, por isso ele procurará expandir ao máximo a parte da jornada de trabalho excedente. A intensidade do regime de exploração pode eventualmente

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



ser atenuado, porém nunca extinto, pois a ocorrência de tal situação coloca em risco a existência do Modo de Produção Capitalista (DAL ROSSO, 2008).

Acrescente-se ainda outros aspectos determinantes da taxa de mais-valia, que contribuem com a elevação dos níveis de exploração sobre o proletariado, e consequentemente com a atenuação da queda da taxa de lucro: aumento da intensidade do ritmo de trabalho; aumento dos níveis de produtividade, e a compressão dos níveis salariais abaixo do seu valor de mercado. Isto posto, se faz necessário a análise de cada um desses fatores (ARAÚJO, 2011).

O aumento da jornada de trabalho se mostra um recurso eficiente para o capitalista individual, que objetiva extrair mais-valia em quantidades cada vez maiores, contando por vezes com o auxílio dos meios de produção, pois a conjugação de ambos – extensão da jornada de trabalho e meios de produção - torna possível à extração de mais-trabalho de forma proporcional à duração da jornada (ARAÚJO, 2011).

Contudo, apesar das vantagens desse processo, Marx traz à tona à importância de se estabelecer limites à duração da jornada de trabalho, tais limites sofrem determinação tanto por parte de seu componente físico (limitação física do trabalhador), como por um componente moral, pois “(...) o trabalhador necessita de tempo para satisfazer outras necessidades, determinadas pelo nível geral de civilização” (ARAÚJO, 2011, p. 26).

Essas necessidades correspondem ao “(...) tempo para a formação humana, para o desenvolvimento intelectual, para o cumprimento de funções sociais, para relações sociais, para o livre jogo das forças vitais físicas e intelectuais (...)” (MARX, 2013, p. 427).

Nesse sentido, diante da impossibilidade legal de estender indefinidamente a jornada de trabalho, o capitalista faz uso da intensificação do ritmo de trabalho, entendida como “(...) o investimento das energias das pessoas com o trabalho, refere-se ao desgaste da pessoa com o trabalho” (DAL ROSSO, 2008, p. 33). Assim, a

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



intensificação do ritmo de trabalho contribui com o aumento da extração do mais-valor em um dado processo de trabalho (DAL ROSSO, 2008).

Existem muitos elementos que ao mesmo tempo em que contribuem para intensificar o ritmo de trabalho, também contribuem com crescimento do capital constante em escala maior quando comparado ao capital variável, a exemplo, do aumento da maquinaria em detrimento da quantidade de força de trabalho para supervisioná-las, o que acaba levando a uma queda na taxa de lucro (MARX, 2017).

Dessa forma, afirma-se que boa parte dos métodos empregados para gerar maior produção da taxa de mais-valor, implica na minimização da massa do mais-valor, levando em consideração “(...) as grandezas dadas de capital total empregado (...)” (MARX, 2017, p. 271).

Tem-se o mesmo efeito com a aceleração da velocidade da maquinaria, bem como a redução do número de trabalhadores nos setores produtivos, a conjugação desses dois fatores em um setor produtivo tem rebatimentos tanto no aumento da taxa de exploração como na compensação da queda da taxa de lucro (MARX, 2017).

Todavia, mesmo sabendo que na situação supracitada menos trabalhadores possam vir a produzir mais – por se sujeitarem a uma carga maior de trabalho - sabe-se que “(...) eles não produzirão tanto quanto antes produziam os outros (...)” (MARX, 2017, p. 5557), que faziam parte de sua equipe de trabalho, desse modo a massa do mais-valor terá diminuído.

Assim, o aumento da maquinaria “(...) acaba por servir como meio sistemático de liberar, em cada momento, uma quantidade maior de trabalho, ou de explorar a força de trabalho cada vez mais intensamente (...)” (MARX, 2013, p. 602-603).

Essa exploração intensa estabelece relação com os níveis de produtividade. Dessa forma, em relação ao aumento da produtividade pode-se dizer que a obtenção da mesma perpassa por transformações nos métodos que regem um determinado processo de trabalho, pois a produção de mais-valor em maior quantidade, não será alcançada pela manutenção por parte do capitalista dos mesmos métodos e/ou dinâmica de trabalho, por isso se faz necessário revolucionar as condições

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



sociotécnicas do trabalho, e o próprio modo de produção hegemônico, para que se consiga “(...) reduzir o valor da força de trabalho por meio da elevação da força produtiva do trabalho, e assim, encurtar parte da jornada necessária para a reprodução desse valor (...)” (MARX, 2013, p. 484).

Quando ocorre a elevação da produtividade nos setores responsáveis por produzir bens-salários, o valor da força de trabalho diminui elevando o acúmulo de mais-valia. Vale destacar que tal redução no valor da força de trabalho, não significa que o seu preço seja equivalente ao seu novo valor, pois o montante da queda do preço da mercadoria em referência, vai depender do nível de pressão que o capitalista fará de um lado, e da resistência que a classe trabalhadora desenvolverá de outro. Dessa forma, a elevação da produtividade define somente o novo limite mínimo do preço da força de trabalho (ARAÚJO, 2011).

Pode-se destacar ainda outra tática usada para aumentar a taxa de exploração, a saber, a compressão dos níveis salariais abaixo do seu valor de mercado, essa estratégia não tem rebatimentos sobre o aumento das despesas com o capital constante, além disso ela é uma das “causas mais importantes de contenção da tendência à queda da taxa de lucro” (MARX, 2017, p. 274).

Isto posto, pode-se dizer que a taxa de exploração pode inflar por quatro motivos: se a jornada de trabalho for alargada, se os níveis salariais forem comprimidos abaixo do seu valor de mercado, se o ritmo de trabalho for intensificado, e por fim se o tempo de trabalho necessário for minimizado por conta do aumento da produtividade nos setores que produzem bens necessários- dado o salário real (MARX, 2017).

Todas essas circunstâncias promovem tanto o aumento da exploração da força de trabalho, quanto geram a produção de mais-valia, e é justamente por isso que a força de trabalho é explorada: por conta de sua capacidade de produzir mais-valia, mais-valia que se mostra como lucro para o capitalista, quando retorna para ele após o pagamento de todos os custos de produção.

PROMOÇÃO



APOIO





4 CONCLUSÃO

As crises periódicas inerentes ao sistema capitalista têm suas raízes no próprio caráter do sistema, cujos elementos constituem em última instância a oposição entre a força de trabalho vivo que recebe um salário limitado e, a classe capitalista industrial que angaria para si um enorme montante de lucro bruto.

A implementação do aumento dos níveis de exploração dentro do capitalismo, através de diferentes estratégias apontadas ao longo do texto, ao mesmo tempo em que atenua a causa imediata da crise, perpetua a reprodução do capital social total, gerando para o proletariado uma piora das suas condições objetivas de vida. A solução definitiva para a crise, só seria possível através de um movimento real que abole o atual estado de coisas, movimento esse encabeçado pela classe assalariada, enquanto negação da negação da classe capitalista.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariedade do trabalho no capitalismo global** - Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2009.

ARAÚJO, Elizeu Serra de. **As condições de exploração da força de trabalho no Brasil na fase atual do capitalismo: uma análise do período 1990-2007**. 2011. 197 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas)- Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2011. Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/772/1/Tese%20Eliseu%20Serra%20de%20Araujo.pdf>>. Acesso em: 14/05/2019.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!**: a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

FARIAS, Flávio Bezerra de. **Crise Global**: ampuheta fatal. São Paulo: Xamã, 2015.

FILHO, Alfredo Saad. Salários e exploração na teoria marxista do valor. **Rev. Economia e Sociedade**, Campinas, n.16, jun. 2001.

GRESPLAN, Jorge. **Marx: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2018.

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



MANDEL, Ernest. **A CRISE DO CAPITAL: os fatos e a sua interpretação marxista.** São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política:** livro primeiro: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013. [recurso eletrônico]. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUK Ewjz9eLSu_roAhXUIbkGHdEfDowQFjAAegQIARAB&url=http%3A%2F%2Fwww.gep ec.ufscau.br%2Fpublicacoes%2Flivros-e-colecoes%2Fmarx-e-engels%2Fo-capital-livro-1.pdf%2Fat_download%2Ffile&usg=AOvVaw0R6Rw2rMc2cYIojPXGGNA3>. Acesso em 02/06/2019.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política:** livro terceiro: o processo global da produção capitalista. - 1 ed.- São Paulo: Boitempo, 2017. [recurso digital].

INTERPRETAÇÕES MARXISTAS DA CRISE DE 2007-2008

Rodolfo Francisco Soares Nunes

Jordôa Moreira Leite

RESUMO

As crises são contradições internas do próprio sistema capitalista. Apresentam-se como condições necessárias e indispensáveis para a sobrevivência do próprio capitalismo. O entendimento das causas das crises e sua função de garantidora do modo de produção capitalista, não possuem uma unanimidade dentro da teoria crítica. A queda da lucratividade, pautada na Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro, é uma interpretação que se contrapõe à visão daqueles que acreditam nas crises como sendo causadas por uma insuficiência de demanda para bens de consumo (subconsumistas). Apresenta-se, então, as interpretações da atual crise sob a ótica destas duas teses marxistas de crise.

Palavras-chave: crises. capitalismo. teoria marxista.

ABSTRACT

Crises are internal contradictions within the capitalist system itself. They are presented as necessary and indispensable conditions for the survival of capitalism. There is no unanimity within critical theory regarding the understanding of the causes of crises and their function as guarantors of the capitalist mode of production. The interpretation of falling profitability, based on the Law of the Tendency of the Profit Rate to Fall, contradicts the view of those who believe that crises are caused by insufficient demand for consumer goods (underconsumptionists). Therefore, the interpretations of the current crisis are presented from the perspective of these two Marxist theses on crises.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Keywords: crises, capitalism, marxist theory.

1 INTRODUÇÃO

Ao passo que a ortodoxia econômica apresenta suas diversas interpretações sobre a crise atual – algumas bem distantes do problema real –, as interpretações críticas se apresentam como uma alternativa que buscam compreender como se dá a dinâmica das crises no sistema capitalista.

Entendem as crises como parte da contradição interna do sistema capitalista. Contradição esta, que é necessária e indispensável para a sobrevivência do modo capitalista de produção. Não se constitui objetivo do presente trabalho, a apresentação e discussão das visões dominantes sobre a crise atual, por atribuírem às crises um fator externo ao sistema capitalista.

Dessa forma, é necessário apresentar como se dão as duas principais interpretações marxistas. Trazer também os comentários acerca dessas interpretações e, por fim, demonstrar e interpretar as visões, sobre a crise atual, daqueles que seguem essas distintas interpretações.

O presente artigo está dividido em outras três partes além desta introdução. No segundo capítulo, apresentaremos as interpretações marxistas da crise, apresentando os pressupostos e definições que balizam tais teses.

Posteriormente, trataremos da última grande crise do capitalismo, iniciada em 2007, sob o óptica das interpretações marxistas. Por fim, teceremos alguns comentários, a título de conclusão, sobre as divergências e a necessidade de compreensão das crises para além da visão dominante.

2 ALGUMAS INTERPRETAÇÕES MARXISTAS DA CRISE

Como mencionamos anteriormente, não abordaremos, no presente trabalho, as interpretações sobre as crises que se encontram aquém da teoria marxista. Para

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



a doutrina dominante, a crise constitui um fenômeno externo ao modo de produção capitalista. Fenômeno este que por vezes se apresentam na literatura como “choques externos”, “externalidades” etc.

Conforme afirma GILL (2002, p. 540), “Las crisis no son accidentes coyunturales atribuibles a causas exteriores o a «choques aleatorios», o incluso a una mala gestión de la economía, lo que dejaría entender que serían evitables.”

Dessa forma, a discussão acerca do fenômeno em si, partirá do pressuposto que este compõe a dinâmica da acumulação capitalista. Ou seja, a crise, que possui um caráter cíclico dentro do processo de acumulação, constitui um desdobramento das contradições do próprio sistema capitalista. Conforme afirma Carcanholo:

A manifestação contemporânea da crise do capitalismo nos permite resgatar ao menos dois pontos fundamentais para o entendimento deste tipo específico de sociabilidade. Em primeiro lugar, torna claro o caráter inerentemente cíclico do processo de acumulação de capital. Em segundo lugar, e em função da própria característica cíclica das crises no capitalismo, explicita a teoria marxista como aquela que melhor entende esse funcionamento. (CARCANHOLO, 2011, p. 73)

Este constitui o primeiro pressuposto da presente análise, e alcança uma enorme concordância entre os teóricos marxistas. Outro ponto, que possui ampla aceitação dentro da teoria marxista, é o de que as crises constituem um movimento necessário (e até mesmo indispensável) para a o processo de acumulação capitalista (Gill, 2002).

Em outros termos, as crises, que são resultados das contradições internas do capital, são originadas pela dificuldade crescente de valorização do capital – seja pela queda da taxa de lucro ou seja pela dificuldade de realização da produção – e com isso funcionam como um corretivo natural (ou um remédio) necessário para a própria sobrevivência deste sistema de acumulação. (Gill, 2002)

Porém, o que não contempla uma unanimidade na teoria marxista, e se torna objeto de análise do presente trabalho, são as causas e consequências destas crises no processo de produção capitalista.

No arcabouço da teoria marxista, encontram-se diversas interpretações sobre as causas da crise. No entanto, discutiremos aqui duas visões distintas que se

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



baseiam em momentos diferentes – e com graus de abstrações diferentes – da principal obra de Karl Marx, O Capital.

A primeira visão é a de que a causa da crise per se é, justamente, a redução (ou sua tendência à queda) da taxa de lucro. Ou seja, o que desencadeou a crise foi a observada queda da lucratividade do capital e a consequente tentativa de reestabelecimento desta rentabilidade através do crédito.

A segunda visão, que parte de uma concepção estagnacionista, é de que a crise é causada pelo subconsumo. Em outras palavras, partindo do pressuposto de que há, no modo de produção capitalista, uma tendência à estagnação da economia, e, com o agrave gerado pela presença de oligopólios – que causam uma tendência ao aumento dos lucros através, principalmente, do aumento da produtividade –, as empresas desenvolveram uma capacidade produtiva de bens de consumo superior ao poder de absorção desta pelo mercado.

Não obstante, algumas considerações devem ser feitas antes de tratarmos da discussão sobre estas duas perspectivas. O primeiro ponto a ser destacado é que, como mencionado anteriormente, dois recortes distintos de O Capital são utilizados para fundamentar cada uma das duas visões apresentadas acima.

A Seção III do Livro II de O Capital, que trata da reprodução e circulação do capital social total, é utilizada para justificar a visão subconsumista. Porém, como veremos posteriormente, esta não constitui a única base teórica dessa interpretação. A tendência à estagnação da economia e a crescente monopolização do capital também fundamentam essa tese.

Para os que defendem a tese da lucratividade, a passagem utilizada é a Seção III do Livro III de O Capital, que trata da Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro (LQTTL). O que, para alguns autores que advogam nessa concepção, constitui a base da única teoria marxista das crises (TMC). (Mateo, 2013)

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O segundo ponto a ser enfatizado – e que constitui um desdobramento do primeiro –, é que o recorte deve basear-se na distinção entre a “possibilidade de crise” e a “crise real” (Gill, 2002)

Sendo assim, temos a possibilidade de crise, que constitui o objeto da tese subconsumista, que está balizada pelas abstrações estabelecidas no livros I e II de O Capital. Carcanholo destaca ainda que

O livro II possui um grau de abstração muito elevado. [...] Desta forma, os esquemas de reprodução são limitados porque o escopo do livro II é limitado. Ele trata apenas da circulação do capital, abstraindo as características do processo de produção. A junção dos dois, isto é, a economia capitalista em seu real funcionamento, com todas suas formas de manifestação, só é realizada, por Marx, no livro III. (CARCANHOLO, 2007, p. 5)

Desta forma, o escopo do livro III, utilizado pelos que apoiam a tese da lucratividade, é mais completo no sentido de contemplar a economia capitalista em seu total funcionamento. Por isso, Gill afirmou que a “crise real” só poderá ser analisada dentro das abstrações presentes no livro III de O Capital (Gill, 2002).

Nesses termos, as diferentes interpretações resultam da forma como se dá as relações dos processos de produção e circulação do capital. A crise causada através do subconsumo, parte de uma análise das contradições próprias dos processos de circulação. Quanto a questão da rentabilidade, até pelo seu grau de abstração, se baseia na relação entre as duas esferas, produção e circulação (Gill, 2002).

Por fim, Gill sintetiza a necessidade dessa investigação:

En realidad la cuestión se resume en determinar si las crisis son el resultado de un desequilibrio del mercado, superable por un reajuste apropiado, es decir, por una nivelación de la oferta y la demanda así como de las proporcionalidades entre sectores, o el resultado de las crecientes dificultades de valorización del capital, superable solamente por el restablecimiento de la rentabilidad, por una producción suficiente de plusvalía; ¿las crisis están vinculadas a dificultades de realización que nacen de la desproporcionalidad o el subconsumo, o la tendencia a la baja tasa de ganancia, expresión específica del aumento de la productividad en la producción capitalista? (GILL, 2012, p. 547, grifos do autor)

Expostas as devidas considerações, se faz necessário a exposição das interpretações marxistas das crises. Apresentaremos primeiro a crise como um problema da lucratividade e, posteriormente, a visão subconsumista das crises.

PROMOÇÃO



APOIO



2.1 A crise como um problema de lucratividade

O entendimento das crises como um problema da lucratividade é objeto de diversos autores. Mateo afirma que:

Partimos de la idea de que para Marx (1867,1) el modo de producción capitalista posee unas leyes generales de movimiento sometidas a la lógica de valorización, por lo que en última instancia el colapso de la generación de valor, y por extensión, de la apropiación de beneficio por parte del capital, genera la crisis económica. (MATEO, 2013, p. 33)

Sendo assim, constituindo uma dessas leis gerais, a Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro (LQTTL) se apresenta, para estes autores, como a única causa das crises econômicas. Dessa forma, para entendermos esta interpretação, precisamos compreender como funciona a LQTTL e suas implicações.

De forma simplificada, partindo do livro terceiro de O Capital, Marx (1980) afirma que:

Essa tendência produz, simultaneamente com o decréscimo relativo do capital variável em relação ao constante, cada vez mais elevada composição orgânica do capital global, daí resultando diretamente que a taxa de mais-valia, sem variar e mesmo elevando-se o grau de exploração do trabalho, se expresse em taxa geral de lucro em decréscimo contínuo. (MARX, 1980, p. 243)

Ou seja, um aumento da produtividade do trabalho, isto é, o aumento na quantidade de produtos por trabalhador no mesmo espaço de tempo, ocasionará um decréscimo do capital variável em termos relativos ao capital constante.

Tal aumento ocasiona uma elevação da Composição Orgânica do Capital (COC). Marx complementa:

Então, esse aumento progressivo do capital constante em relação ao variável deve necessariamente ter por consequência queda gradual na taxa geral de lucro, desde que não varie a taxa de mais-valia ou o grau de exploração do trabalho pelo capital” (MARX, 1980, p. 242, grifo da edição)

Sendo assim, a taxa geral de lucro tenderá ao declínio quando há uma alteração na relação capital variável-capital constante, que enseja em um aumento da COC.

Marx também apresenta as contradições internas à LQTTL. A saber: 1) aumento do grau de exploração do trabalho; 2) redução dos salários; 3) baixa de preço dos elementos do capital constante; 4) superpopulação relativa; 5) comércio exterior; e 6) aumento do capital em ações. Sendo assim, estas contradições internas funcionam como fatores adversos que anulam o efeito da lei geral, que lhe concede um caráter de tendência. (MARX, 1980).

Para entendermos este movimento, precisamos ter em mente que o objetivo da produção capitalista é a obtenção de lucro. É justamente este objetivo que rege as alterações na Composição Orgânica do Capital.

Analisar as causas das crises é, portanto, definir os fatores que ocasionam a queda da taxa de lucro. Para Kliman (2011), a queda da taxa de lucro se deve, principalmente, ao processo de mecanização da produção, observado desde a década de 1970.

Kliman, ao analisar a Composição Orgânica do Capital no período pós-1970, afirma:

The results of this section are consistent with Marx's LTFRP. The law says that labor-saving technical progress under capitalism causes the technical and organic compositions of capital to increase, that the value composition of capital consequently tends to increase as well, and that the increase in the value composition in turn tends to lower the rate of profit. (KLIMAN, 2011, p. 131)

É necessário ressaltar que, para Kliman, a LQTTL não explica de forma completa as crises no modo de produção capitalista, mas, ao se relacionar os dados com as teorias, é justamente a LQTTL a explicação mais consistente. Uma análise mais completa se dá quando se relaciona essa lei com os adiantamentos de salários para os trabalhadores (que ocorre de um ciclo para o outro), outra causa da queda da taxa de lucro. (KLIMAN, 2011).

Para Shaikh, o decréscimo da taxa de lucro ocorre por causa da queda da produtividade e pelo aumento da exploração do trabalho. Aponta também o aumento dos investimentos em setores financeiros e as quedas da taxa de lucro. (SHAIKH, 2013)

PROMOÇÃO



APOIO

Outros autores atribuem essa queda da lucratividade a um conjunto de fatores, como a ampliação da intensidade do capital, atrelada ao baixo desempenho tecnológico da indústria de bens de capital. (Basu; Vasudevan, 2013). Mateo conclui que

En conclusión, existe un relativo acuerdo (con excepciones) en que las distintas expresiones de la composición del capital no han experimentado grandes alzas en el ciclo de expansión inmediatamente anterior a la crisis, lo que ha generado diversas posiciones respecto de la causalidad sobre la dinámica de la rentabilidad. (MATEO, 2013, p. 42)

A análise desse declínio da rentabilidade e seus efeitos na última grande crise serão abordados mais à frente. Nesse momento, o que cabe discutir, é a relação dessas causas da queda da taxa de lucro com a lei apresentada anteriormente. Sendo assim, Katz afirma:

Ciertas fuerzas compensatorias morigeran el declive, incentivando incrementos en la explotación de los trabajadores y abaratamientos de la capital constante o variable. Pero dada la gravitación preeminente de las inversiones en maquinaria e instalaciones, ninguno de estos atenuantes logra frenar la disminución porcentual de la ganancia. (KATZ, 2010, p. 10)

Em resumo, é necessário frisar as relações intrínsecas na Composição Orgânica do Capital, assim como foram apresentadas anteriormente. Incrementos na exploração dos trabalhadores, assim como aumentos na produtividade – e, com isso, barateamento do capital constante –, constituem a base da LQTTL e, portanto, os caminho para se entender as crises do sistema capitalista.

A seguir, apresentaremos a visão subconsumista das crises, pautada na estagnação da economia devido à monopolização do processo de produção.

2.2 A interpretação subconsumista das crises

Algumas considerações precisam ser feitas antes de apresentarmos a interpretação subconsumista das crises. Em primeiro lugar, é necessário distinguir a separação entre produção e circulação, da separação entre a compra e venda de mercadorias, onde ambas ocorrem na esfera da circulação.

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Na esfera da circulação, a valorização aparece como uma relação simples entre a quantidade produzida de uma mercadoria e a necessidade social da realização desta mercadoria. Ou seja, é justamente na circulação em que há a distinção entre a compra e venda de mercadorias. (GILL, 2002).

Em segundo lugar, partindo do pressuposto de que as decisões sobre produção e consumo são tomadas por milhares de capitalistas que não estão preocupados com a reprodução do sistema como um todo, é importante frisar que tais decisões são tomadas de forma individualizada e não pela “classe capitalista”. (SHAIKH, 1983).

Desta forma, as decisões que dizem respeito aos salários pagos aos trabalhadores dentro de um ciclo produtivo, são tomadas por capitalistas que pensam de forma individual, sem se preocupar com o fato de que o achatamento salarial causa sérias implicações para o modo de produção capitalista.

Ao passo que, esse barateamento dos salários e demais decisões em prol do aumento da produtividade do trabalho proporcionam um aumento na produção de mercadorias, tais medidas acabam por causar uma restrição no consumo dos próprios bens produzidos (KATZ, 2010)

Tal movimento contraditório ocasiona um desequilíbrio do sistema. É justamente por isso que a teoria subconsumista se encontra no debate da desproporcionalidade entre compra e venda. Katz, ao comentar sobre os teóricos subconsumistas (KATZ, 2010).

Ou seja, no que concerne esta interpretação, a análise dos desequilíbrios inerentes do sistema capitalista é de fundamental importância para o entendimento das causas das crises. É justamente na análise da separação entre compra e venda, ou seja, na abstração da reprodução ampliada da mercadoria, que, segundo os teóricos subconsumistas, baseiam suas análises das crises.

Um terceiro e último ponto, desta vez mais específico, se faz importante frisar que, as teses subconsumistas são pautadas sobre a determinação de que a economia capitalista moderna possui uma tendência à estagnação. Autores que defendem essa

PROMOÇÃO



APOIO



visão afirmam, ainda, que tal tendência é ocasionada pela emergência de monopólios e oligopólios. (Cipolla, 2012)

Porém, essa visão defendida por teóricos como Paul Baran e Paul Sweezy, encontra raízes em diversos outros autores. Shaikh comenta que:

Os subconsumistas clássicos raciocinavam do seguinte modo: já que os trabalhadores produziam mais do que consumiam, o mercado doméstico jamais bastaria para permitir o crescimento. As nações capitalistas desenvolvidas do Ocidente solucionaram esse dilema, encontrando mercados estrangeiros (SHAIKH, 1983, p. 20)

Adiciona-se, então, no debate sobre a acumulação capitalista, a necessidade de mercados estrangeiros não desenvolvidos. Baran e Sweezy, ao resgatar as ideias subconsumistas, consideram obsoleta a lei da queda tendencial da taxa de lucros. Os autores atribuem a LQTTL como própria ao “capitalismo concorrencial”, não se valendo para o “capitalismo monopolista”. (Melo, 2013)

Após as devidas considerações, podemos nos aprofundar na discussão da visão subconsumista das crises. O subconsumo é uma consequência da relação de alguns fatores. Conforme afirma Cipolla:

O subconsumo causado tanto pela diminuição dos salários na renda quanto pela redução relativa do consumo capitalista à medida que os lucros aumentam levam a um enfraquecimento da demanda de bens de consumo. A redução da demanda de bens de consumo causa uma redução na utilização da capacidade produtiva instalada, fato que reduz o nível de investimentos. (CIPOLLA, 2012, p. 46)

Conforme já mencionamos anteriormente, o subconsumo é resultado justamente do movimento contraditório entre o barateamento dos salários, com a consequente acumulação pelos capitalistas, e a relativa depreciação da demanda de bens de consumo.

Trazendo em outros termos, a dinâmica do sistema capitalista consiste, para estes autores, na produção de bens de consumo onde sua aquisição está estritamente relacionada aos níveis de renda.

A título de comentário quanto à semelhança entre a visão subconsumista e as teorias keynesianas, Shaikh afirma que:

Nas teorias iniciais do subconsumo, o problema é invariavelmente colocado em termos de uma exagerada taxa de acumulação. Entretanto vimos que, de

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

acordo com a sua lógica, qualquer acumulação tende a se negar a si própria. Inevitavelmente, os subconsumistas se deixaram levar pela conclusão de que o capitalismo tende à estagnação, que um capitalismo auto-expansivo era impossível. (SHAIKH, 1983 p. 18)

Observa-se, então, uma tendência à queda da “propensão marginal a consumir”. Sendo assim, Baran e Sweezy voltaram sua análise para o problema da demanda efetiva. (MELLO, 2013). Tal análise, fez com que alguns autores denominassem os defensores desta tese subconsumista, como “marxistas-keynesianos”.

Apresentadas as duas interpretações marxistas das crises, observaremos agora os comentários feitos pelos defensores das duas visões acerca da atual crise do capitalismo.

3 SOBRE A CRISE DE 2007-2008

A crise que se iniciou em agosto de 2007 e teve como estopim a queda do bando de investimento estadunidense Lehman Brothers, em 2008, adquiriu, ao longo do tempo, alcunhas que demonstram, por vezes, a causa ou consequência da crise. “Crise Financeira”, “Crise Imobiliária” demonstram, dependendo da visão de quem a expõe, as finanças como causa ou consequência da crise (Carcanholo, 2011)

Sendo assim, o que se vem apresentar aqui, é que, por fazer parte do próprio sistema de produção capitalista, a crise, segundo diversas interpretações marxistas, possui sua origem no setor produtivo, atribuindo ao processo de financeirização apenas uma consequência ou um agravamento da crise.

Apesar da divergência de alguns autores no que diz respeito à redução da acumulação de capital, se na década de 1970 ou 1980, este é um grande ponto em comum nas diversas interpretações. A crise de 2007-2008 é resultado das políticas de recuperação da economia mundial frente a crises anteriores, como a da década de 1970.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Outros autores, como Basu e Vasudevan, não observam esse declínio da taxa de lucro no período pós-1970. O que ocorreu, no entanto, foi um período de alta lucratividade que incorreu em um aumento da produtividade do trabalho, mas com uma intensidade de capital em declínio (Basu; Vasudevan, 2013)

Carcanholo, no entanto, vê essa ruptura atual, como consequência da desregulamentação financeira, ocorrida justamente para a recuperação da economia da sua última crise estrutural, sendo assim, ele diz:

Tendo como base todo o processo de desregulamentação financeira e bancária, que também faz parte do elenco de respostas do capitalismo à sua última crise estrutural, os bancos passaram a ter maior liberdade tanto para a captação de recursos (emissão de passivos) quanto para a alocação desses recursos em distintos ativos. Ou seja, a atuação das instituições financeiras deixou de ser regulada/controlada como vinha ocorrendo até os anos 60 do século passado (CARCANHOLO, 2011, p. 76)

Isto posto, no que se refere a importância dada ao domínio das finanças no processo produtivo, Basu e Vasudevan apresentam algumas notas sobre essa questão.

Para os autores, ao adicionar a discussão sobre as finanças no debate constitui um fator importante para o entendimento da crise atual. Porém, essa discussão não deve ser central. É necessário – e isso se apresenta nas interpretações marxistas – entendermos as mudanças estruturais que levaram essa ascensão das finanças no desencadeamento da atual crise (Badu; Vasudevan, 2013).

Basu e Vasudevan (2013), entendem a atual crise como um resultado da mecanização do processo produtivo. Tal mecanização resultou em um aumento da produtividade e, conseqüentemente, numa redução da taxa de lucro. Porém, não constitui o único motivo da crise (Badu; Vasudevan, 2013).

Portanto, não é só o aumento da produtividade que afeta o lucro. A estagnação da demanda influencia também essa lucratividade. É um ciclo alimentado por diversos fatores (Badu; Vasudevan, 2013).

Foster(2009), no entanto, atribui ao processo de monopolização eclosão da atual crise. Como o capitalismo monopolista se reproduz com base em uma tendência

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

à estagnação, há uma necessidade contínua de se buscar novas formas de obtenção de lucros.

Como acreditam na relação positiva entre investimento/consumo ao nível da renda, Foster (2009), credita a crise à crescente desigualdade da renda e disparidade da riqueza. Uma vez que, com a demanda deteriorada e a produção intensificada, não conseguem atender os anseios de realização do capital. Em outros termos, a produção não encontra demanda. Com isso, o capital busca, cada vez mais, formas mais lucrativas, encontrando no setor financeiro sua saída.

Basu e Vasudevan (2013), afirmam que, mesmo que os teóricos marxistas apresentem divergências quanto às causas da queda da lucratividade, se por um problema de demanda ou da lucratividade per se, as evidências demonstram que a atual crise não é precedida por um declínio da lucratividade. Afirmam, então,

Em outros termos, fatores como a globalização e realocação global da produção, produziram um efeito retardante no decréscimo da lucratividade. Portanto, devido a esses fatores, devemos voltar nossa análise para o aumento da produtividade no período que antecede a crise atual (Badu; Vasudevan, 2013).

Por fim, trazemos então a visão de Shaikh (2011) sobre a crise de 2007-2008. O autor apresenta um questionamento acerca do debate entre a finança como causa ou consequência:

How is it that the capitalist system, whose institutions, regulations and political structures have changed so significantly over the course of its evolution, is still capable of exhibiting certain recurrent economic patterns? (SHAIKH, 2011, p. 46)

Shaikh (2011) atribui a crise atual uma consequência da queda da lucratividade. Essa observação é feita mesmo que, ao longo do período que precedesse a crise, a lucratividade apresentasse uma flutuação que fizesse com que se descartasse essa hipótese.

Porém, é necessário destacar, que a crise se apresentou de diversas formas nos países periféricos e de centro. As economias periféricas, por absorverem mais as políticas neoliberalizantes, acabaram que por absorver mais os impactos da crise. No que concerne as economias periféricas (CARCANHOLO, 2011).

PROMOÇÃO



APOIO



Os autores apresentam suas concepções da crise de 2007-2008, e o que se pode observar, é que, nenhuma explicação trata os conceitos apresentados no capítulo 2, como explicações isolados. Havendo assim uma necessidade de complementação das interpretações marxistas. Abordaremos isso no capítulo final.

Carcanholo (2011), apresenta também a crise atual como algo que, ao contrário que muitos afirmam, não trouxe para o debate que a incapacidade da configuração neoliberal, que se estabeleceu na economia capitalista, de se manter um processo de acumulação “saudável”. Afirma ainda que:

Independente desse discurso pseudo-crítico, o que se vê na atualidade não é a morte da ideologia neoliberal. Mais importante do que isso, a “alternativa” concreta que os governos dos distintos países estão construindo reflete uma “saída” que não é contrária à lógica do capitalismo contemporâneo, mas funcional para a sua manutenção. CARCANHOLO, 2011, p. 80, grifo nosso

Por fim, precisamos fazer algumas considerações quanto às interpretações marxistas das crises, apresentadas anteriormente. No que concerne o exame da interpretação marxista pautada na LQTTL, algumas considerações devem ser feitas. Katz, destaca a “incapacidade” de se analisar as crises geradas no período pós-guerra através da queda da taxa de lucro, uma vez que se deve considerar algumas outras variáveis nessa análise.

Posta a discussão, cabe destacar que se pode entender – a partir das visões apresentadas – que a crise tem origem no setor produtivo e que tem a financeirização como agravante da crise.

A crise atual não se origina no século em que tem manifestadas suas mais acentuadas rupturas. Ela parte de um conjunto de medidas na base (infraestrutura) e/ou na superestrutura como forma de mitigar o estado convulsional da engrenagem do sistema.

4 CONCLUSÃO

O que podemos trazer a título de conclusão é que, ao passo que a configuração do sistema capitalista se altera, em uma tentativa de sobrevivência e na necessidade

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



de se garantir o processo de acumulação, as interpretações críticas devem incorporar estes elementos em suas análises.

Consiste uma árdua tarefa a de se buscar elementos que reflitam as teorias críticas em base de dados que não são adaptadas para estas interpretações. Uma vez que não existe uma base de dados marxista, todas apresentam os dados em uma configuração própria para interpretação da teoria dominante.

Ao apresentarmos as duas interpretações marxistas das crises, buscou-se aprofundar o debate, dentro da própria teoria crítica, quanto às causas da crise atual. No entanto, ao trazermos as leituras da crise de 2007-2008, o que se observou foi que, as interpretações se mostram de forma um pouco diferente.

Sendo assim, o que se pode questionar é que o elemento da financeirização acabou por transformar os debates. O que, para alguns autores, como Mateo (2013), constitui um afastamento daquela que seria a única interpretação marxista das crises.

No entanto, não se deve abandonar, no entanto, as teorias pautadas em diversas abstrações. Quando isso ocorre, abando-se também importante contribuição que a dialética exerce para compreensão das dinâmicas do capitalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BASU, Deepankar. VASUDEVAN, Ramaa. **Technology, Distribution and the Rate of Profit in the US Economy: Understanding the Current Crisis**. Cambridge Journal of Economics, Vol. 37, No 1, pp. 57-89, 2010.

BRENNER, R. **Economics of Global Turbulence**. London: Verso, 2006.

CARCANHOLO, M. D. Conteúdo e forma da crise atual do capitalismo: lógica, contradições e possibilidades. **Crítica e sociedade: revista de cultura política**, v.1, n.3, edição especial, p. 73-84, dez. 2011.

_____. **Apontamentos críticos sobre a teoria da crise em Rosa Luxemburgo**. V Colóquio Internacional Marx/Engels, 2007. Disponível em:

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



<http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao1/Marcelo_Carcanholo.pdf>. Acesso em: 01/06/2018.

FOSTER, John B. **The great financial crisis: causes and consequences**, Nova York: Monthly Review Press, 2009

GILL, L. **Fundamentos y límites del capitalismo**. Madrid: Trota, 2002.

KATZ, C. **Interpretaciones de la crisis**. 2010. Disponível em: <http://www.lahaine.org/b2-img10/katz_interpr.pdf> Acesso em: 01/06/2018.

KLIMAN, Andrew. **The failure of capitalist production**. Underlying causes of the Great Recession, Londres: Pluto Press, 2011.

LUXEMBURGO, Rosa. **A Acumulação do Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Livro III, tomo 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MATEO, J. P. La crisis económica mundial y la acumulación de capital, las finanzas y la distribución del ingreso. Debates en la economía marxista. **Revista de economía crítica**, n. 15, p. 31-60, 1o semestre 2013.

PRADO, E. F. S. Duas explicações marxistas para a grande falha do capitalismo. In: BARROSO, A. S.; SOUZA, R. (orgs.). **A grande crise capitalista global 2007-2013: gênese, conexões e tendências**. São Paulo: Anita Garibaldi, Fundação Maurício Grabois, 2013.

SHAIKH, A. **Uma introdução à história das teorias de crise**. Ensaios FEE, Porto Alegre, 4(1), p. 5-45, 1983.

_____. **The first great depression of the 21st century**. Socialist Register, 2011.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



DESIGUALDADE DE GÊNERO E NEOLIBERALISMO: transformações no mercado de trabalho do Brasil e da Argentina

Laryssa Costa Silva
Samara do Nascimento Souza

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar a influência e as transformações que o neoliberalismo provocou na desigualdade de gênero no mercado do trabalho, na trajetória do Brasil e da Argentina, os quais possuem em comum a adoção de estratégias neoliberais na década de 90. Através da análise das condições históricas e econômicas de desenvolvimento das relações de gênero e trabalho no Brasil e Argentina, o caráter antineoliberal é destacado como ponto fundamental do feminismo latino-americano, pois este trouxe para o cerne do debate político e econômico: a) o trabalho do cuidado como trabalho invisível; b) o papel das infraestruturas públicas e as privatizações dos serviços sociais, que são substituídos por trabalho não remunerado das mulheres; c) a interseccionalidade entre raça, gênero e classe como importante ferramenta teórica e política.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Desigualdade. Gênero.

ABSTRACT

This work seeks to introduce the influence and transformations caused by neoliberalism on gender inequality in the labor market, in the context of Brazil and Argentina, which share the adoption of neoliberal strategies in the 1990s. Through the analysis of historical and economic conditions of the development of gender and work relations in Brazil and Argentina, the anti-neoliberalism is emphasized as a vital part of Latin American feminism, which has brought to the heart of the political and economic debate: a) care work as invisible labor; b) the impact of public infrastructure and social services privatizations, which are replaced by women's unpaid work; c) the intersectionality between race, gender, and class as an important theoretical and political tool.

Keywords: Neoliberalism. Inequality. Gender.

1 INTRODUÇÃO

Uma das novidades, em destaque nos últimos anos, do movimento feminista é o fato de ter se transformado em um fenômeno mundial que emerge do Sul Global,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

se fortalecendo na América Latina em diversas esferas de lutas, por meio de organizações e movimentos locais.

Desde outubro de 2016, quando mais de 100 mil mulheres se uniram, na Polônia, contra a criminalização do aborto, a Greve Feminista Internacional vem se tornando mais um marco capaz de impulsionar internacionalmente o movimento feminista. Na Argentina, a greve aconteceu em resposta ao feminicídio de Lucía Pérez, com o grito combativo do coletivo “*Ni una menos*”. Assim, logo a mobilização deixou de ser nacional e passou a ser corroborada em países como Espanha, Brasil, Itália, Turquia, Peru, Estados Unidos, México e Chile.

A força dessas ações levou à convocação de um movimento transnacional em 8 de março de 2017, o qual se repetiu com ainda maior encadeamento organizativo na mesma data dos anos seguintes, o 8M. Em 2019, no Brasil, gritava-se que o fascismo do governo “não passará” junto ao feminismo negro, que pedia justiça por Marielle Franco, e a todas as que sustentam as economias populares e das favelas, contra a criminalização dos seus afazeres. Aconteciam também manifestações no Uruguai, na Colômbia e no Peru, pelos direitos reprodutivos, pela igualdade de oportunidades e contra a desigualdade¹ e violência de gênero.

Em 2020, com o lema “A América Latina será toda feminista”, a Argentina foi um dos países que lideraram a Greve Feminista Internacional. Nesse mesmo ano, o país aprovou a legalização do aborto (ARGENTINA, 2020), uma conquista construída ao longo de 40 anos por vários grupos e organizações feministas.

O avanço do feminismo reapropriou-se da luta de classes, reformulando-a (feminista, internacionalista, ambientalista e antirracista), e da própria greve, que, além de colocar à vista um acumulado histórico de lutas anteriores, estende seus braços e amplia sua abrangência a partir das discussões sobre as novas configurações e definições do trabalho.

¹ Utilizo-me do termo “desigualdade de gênero” pois reconheço que esse é um fenômeno que atinge as mulheres em toda pluralidade de identidades que possam apresentar.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A greve integra a questão trabalhista porque inclui realidades de labor precário, informal, migrante, não assalariado, não remunerado, não reconhecido, que se referem às formas de trabalho doméstico e reprodutivo, obrigatório e gratuito. Para Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019, p. 25), a manifestação é oportuna porque:

A militância das mulheres grevistas irrompeu em um momento em que sindicatos anteriormente poderosos, baseados na produção fabril, foram bastante enfraquecidos. Para revitalizar a luta de classes, as ativistas se voltaram para outra arena: a agressão neoliberal ao sistema de saúde, à educação, às pensões e à habitação. Ao atingir essa outra ponta das quatro décadas de ataque do capital contra as condições de vida da classe trabalhadora e da classe média, elas exercitam suas visões sobre trabalhos e serviços que são necessários para sustentar seres humanos e comunidades sociais.

Pensando nas condições históricas e econômicas de desenvolvimento das relações de gênero e trabalho na América Latina a partir dos anos de 1990, o caráter antineoliberal é destacado por Gago (2020) como ponto fundamental dos feminismos, que trouxeram para o cerne do debate político o problema da cultura extrativista sobre corpos e territórios, passando pelo extrativismo de uma mineradora multinacional que desabriga toda uma comunidade em prol do desenvolvimento, até o extrativismo do capital financeiro sobre a dívida, que extrai valor da precariedade. Buscaram também a questão do resultado dos restos da infraestrutura pública e das privatizações dos serviços sociais, que são substituídos por trabalho não remunerado das mulheres. Os feminismos articularam, portanto, a dimensão do ajuste estrutural do modelo neoliberal.

Neste trabalho propõe-se vincular a questão da influência e das transformações que o neoliberalismo provocou na desigualdade de gênero no mercado do trabalho, na trajetória do Brasil e da Argentina, os quais possuem em comum a adoção de estratégias neoliberais na década de 90.

2 A QUESTÃO DE GÊNERO NAS RUÍNAS DO NEOLIBERALISMO

Atualmente existe uma vasta literatura acadêmica que discute as características constitutivas do neoliberalismo. Scherer-Warren (2008) ressalta que

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



não é possível compreender um fenômeno social sem entender as suas relações com o Estado e com o mercado. Diante disso, os trabalhos de Wendy Brown (2019), em “Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente”, o de Nancy Fraser (2020), em “O velho está morrendo e o novo não pode nascer” e “A razão neoliberal” de Verônica Gago (2014), destacam-se porque abrangem, ao mesmo tempo, manifestações filosóficas, políticas, econômicas e epistêmicas que levam a uma definição de neoliberalismo e se vinculam às questões da divisão sexual do trabalho.

Brown (2019) apoia-se tanto em uma abordagem neomarxista – que caracteriza o neoliberalismo como “um ataque oportunista dos capitalistas e seus lacaios políticos aos Estados de bem-estar keynesianos, às sociais-democracias e ao socialismo de Estado” (BROWN, 2019, p. 29) – como na abordagem foucaultiana – que descreve a mesma doutrina como uma racionalidade política moderna que atravessa e vai além da política econômica e do fortalecimento do capital. A autora explica que:

Se o neoliberalismo for concebido somente como uma política e seus efeitos econômicos, o quadro para o descontentamento é limitado a fatores econômicos – desigualdade crescente, desindustrialização, perda de emprego sindicalizado e da proteção do Estado social. [...] Se é concebido somente como uma racionalidade política caracterizada pela ubiquidade dos mercados e do *homo economicus* não conseguimos apreender os investimentos afetivos nos privilégios da branquitude e da existência primeiro-mundista presentes na nação e na cultura nacional ou na moralidade tradicional. [...] Isso significa que não conseguimos apreender as novas formações subjetivas e políticas que são, em boa parte, efeitos neoliberais. (BROWN, 2019, p. 222-223).

Dardot e Laval (2016, p. 17) compartilham da posição de Brown, quando adota o neoliberalismo como uma racionalidade, “e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados”. Os autores abordam a questão pela ótica de uma reflexão política sobre um modo de governo, colocando o Estado como o cerne do sustento dos mercados modernos.

Nesse sentido, Brown (2019) aprofunda a “antinomia entre cidadania e neoliberalismo”, com o argumento de que esse último delimita os espaços democráticos tanto em um nível macroestrutural como no âmbito das organizações

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



sociais. Ela define esse processo como a “economização” da vida social, que modifica a própria natureza do que se entende por “política” e que torna a cidadania, não apenas um conjunto de direitos, mas uma sorte de ativismo contínuo, ao qual estamos forçados para nos autovalorizar.

O neoliberalismo descaracteriza e sufoca a noção de democracia. Na concepção de Brown (2019), o ataque neoliberal tem o objetivo de estreitar o controle político sobre os agentes econômicos e os mercados, substituindo a regulação e a redistribuição por liberdade de mercado e direitos de propriedade descomprometidos.

O argumento da autora é de que a privatização econômica, de bens e serviços públicos e da educação superior, assim como o encolhimento do Estado social e a consolidação da noção de “justiça social”, subverte a democracia de forma profunda e restringe as liberdades privadas (BROWN, 2019).

O desmonte da provisão pública vai rotineiramente de par com normas da esfera privada estendida para deslegitimar o conceito de provisões de bem-estar social e o projeto de democratização dos poderes sociais de classe, raça, gênero e sexualidade. À medida que a vida cotidiana é mercantilizada de um lado e “familiarizada” de outro pela racionalidade neoliberal, estes processos gêmeos contestam os princípios de igualdade, secularismo, pluralismo e inclusão, junto com a determinação democrática de um bem comum. (BROWN, 2019, p. 132).

A contribuição de Fraser (2020) parte da sua definição de neoliberalismo progressista, uma aliança improvável e poderosa entre as principais correntes liberais dos novos movimentos sociais, como feminismo, antirracismo, multiculturalismo, ambientalismo e ativismo pelos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e mais (LGBTQIA+) e os altos setores financeiros dinâmicos e “simbólicos” da economia norte-americana (Wall Street, Vale do Silício e Hollywood). Segundo Fraser (2020, p. 40), “o bloco progressista-neoliberal combinou um programa econômico expropriativo e plutocrático com uma política de reconhecimento liberal-meritocrática”. Nessa aliança, as forças progressistas estão, de fato, unidas às forças do capitalismo, principalmente a financeirização,

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



ocasionando o enfraquecimento dos sindicatos e o aumento dos trabalhos precários e mal remunerados.

Verónica Gago (2014) aborda o neoliberalismo em duas topologias, não excludentes, a de cima para baixo e a de baixo para cima. A de cima para baixo, “*el neoliberalismo da cuenta de una modificación del régimen de acumulación global [...] que induce a una mutación en las instituciones estatal-nacionales*” (GAGO, 2014, p. 22), nesse ponto, a autora classifica o neoliberalismo como uma fase do capitalismo. Ao passo que, de baixo para cima “*el neoliberalismo es la proliferación de modos de vida que reorganizan las nociones de libertad, cálculo y obediencia, proyectando una nueva racionalidad y afectividad colectiva*” (GAGO, 2014, p. 23). Segundo a autora, o neoliberalismo existe tanto por cima quanto por baixo, como renovação da forma extrativista em tempos de soberania financeirizada, e como racionalidade que negocia benefícios no contexto de espoliação.

Identificar as transformações que a lógica neoliberal provocou no mercado do trabalho, as formais atuais com os quais o capitalismo vem ganhando vitalidade e o contexto em que se põs em curso o processo de reestruturação produtiva são discussões fundamentais que nos ajudam a compreender os elementos que caracterizam as particularidades que afetam a classe trabalhadora na atualidade. Portanto, como aponta Antunes (2000, p. 167) é necessário reconhecer a centralidade da categoria trabalho na vida das pessoas “que se constitui como fonte originária, primária, de realização do ser social, protoforma da atividade humana, fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana”.

Brown (2019) insere, ainda, a superordenação branca e masculina na dimensão do projeto neoliberal de mercado e moral. Por um lado, os mercados desregulamentados tendem a multiplicar os poderes e a estratificação social produzidos historicamente, o que inclui as divisões raciais e sexuais do trabalho – como é o caso do trabalho doméstico, em geral não é remunerado e sua versão sub-remunerada (como cuidado domiciliar de saúde, de crianças e idosos, limpeza doméstica e trabalho na cozinha). Abrange também as desigualdades tanto na

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



educação pública quanto privada, somadas às culturas de classe, raça e gênero, que estruturam o mercado de trabalho. Por outro lado, a moralidade tradicional afasta o combate às desigualdades, como reconhecer e assegurar a liberdade reprodutiva das mulheres.

De acordo com Fraser e Jaeggi (2020), Brown (2019) e Fraser (2020), o neoliberalismo estabelece diferentes posições de gênero e determina essa diferença como um pilar que estrutura o próprio neoliberalismo. Para Fraser e Jaeggi (2020, p. 49) a questão de gênero no capitalismo sempre foi historicamente central, de modo que instituiu-se uma divisão entre produção de mercadorias e reprodução social:

A separação entre elas [reprodução social e produção de mercadorias] é fundamental ao capitalismo – é, de fato, um artefato dele. Como muitas feministas enfatizaram, essa divisão é inteiramente marcada por gênero, com a reprodução associada às mulheres e a produção, aos homens. Historicamente, a separação entre trabalho assalariado “produtivo” e trabalho não pago “reprodutivo” sustentou as formas capitalistas modernas de subordinação das mulheres.

Federici (2021) aborda o trabalho doméstico e de cuidado, o que chama de trabalho não pago e oculto, realizado prevalentemente por mulheres, como aquele que assegura a manutenção da força de trabalho como principal mercadoria para acumulação capitalista. Isso explica a tese de que a divisão sexual do trabalho ocupa um dos fundamentos que sustenta o modo de produção capitalista.

Saffioti (1976) já havia analisado o processo de incorporação do trabalho das mulheres segundo as exigências do sistema capitalista, o qual ora as integra no sistema de produção ora as desconsidera, para diminuir salários e dividir a classe trabalhadora. A divisão sexual do trabalho existe em todos os estágios do desenvolvimento capitalista e, por esse motivo, até hoje, nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, o trabalho doméstico e a família são pilares da produção capitalista (FEDERICI, 2021).

Biroli (2018) e Hirata (2014) elucidam que, como resultado da divisão sexual, o trabalho das mulheres é prestado gratuitamente, ou direcionado a ocupações específicas e menos remunerado que o dos homens que desempenham as mesmas

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



atividades, além de sub-representado na política. O fato dessa divisão não atingir todas as mulheres de forma igual implica que ela se dá na interseccionalidade das variáveis de gênero, raça e classe.

Segundo Crenshaw (2002), a interseccionalidade assenta especificamente a forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios geram desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias e classes. Para Gonzalez (2020, p. 142) “lidar com a divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco”.

2 BREVE PANORAMA DA AGENDA NEOLIBERAL ADOTADA PELO BRASIL E ARGENTINA

A década de 1990 foi marcada pela reconversão do capitalismo financeiro mundial a partir da hegemonia neoliberal. Os países da região latina passaram por uma sequência de reformas nas estruturas econômicas provenientes do “Consenso de Washington”, evidenciando-se a abertura comercial, a desregulamentação dos mercados e as privatizações das empresas estatais. Tais medidas ocasionaram desajustes significativos em diversos setores de produção, afetando diretamente os processos de trabalho e os salários dos trabalhadores, assim como as condições sociais da fração mais desamparada da população latino-americana (MATTEI, 2017).

A Argentina é considerada o melhor exemplo de devoção à receita neoliberal, diante da rapidez com que aderiu às advertências do Consenso durante o governo de Menem, de 1989 a 1999, e seguindo pelo breve governo de De La Rúa, de 1999 a 2001, o que resultou na maior crise política, econômica e social do país. A taxa de desemprego triplicou frente à média da década de 1980 e os salários reais atingiram os piores níveis das últimas três décadas. A concentração de renda aumentou significativamente, atingindo seu máximo em 2002, quando o índice de Gini marcava

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

0,578, tornando a Argentina um dos países mais desiguais da América Latina, conforme dados da Comisión Económica Para América Latina y El Caribe (CEPAL, 2008). Depois dos governos neodesenvolvimentistas de Néstor Kirchner e Cristina Kirchner, entre 2003 e 2015, o país voltou ao ajuste neoliberal com Mauricio Macri, de 2015 a 2019.

O caso brasileiro com o regime de política econômica neoliberal começou no governo Collor, em 1990, com a abertura comercial; em 1992, depois do insucesso do Plano Collor, a abertura financeira, seguindo as ordens do FMI; em 1995, no governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), com as privatizações e a desnacionalização dos serviços públicos; e em 1999, ainda no governo FHC, a instituição do “tripé macroeconômico”, que consiste em superávit primário, meta de inflação e câmbio flutuante. Soares (2010) destaca que é possível afirmar que, na vigência do “tripé”, as políticas econômicas agravaram as condições de emprego e trabalho, com a informalização, a redução dos salários e o corte dos direitos sociais. Apesar da recuperação do quadro social brasileiro durante os governos Lula, de 2003 a 2010, e Dilma Rousseff, de 2011 a agosto de 2016, o golpe sofrido por Dilma levou ao reenquadramento do Brasil na agenda neoliberal, com Temer, de setembro de 2016 a 2017, e Bolsonaro, de 2018 a 2022. Nesse período, foram aprovadas as reformas trabalhista e da previdência e, de acordo com dados do IBGE, o desemprego atingiu 14,4% da população, em 2020, e 17,9% das mulheres, em 2021, as maiores taxas desde 2012 (IBGE, 2021).

Segundo Barrancos e Archenti (2019), com a crise de 2001 da Argentina, ocorreu uma significativa mudança cultural e política: o Movimento de Trabalhadores Desempregados, conhecido também como o movimento *piquetero*², adquiriu reconhecimento nacional, se multiplicou e se diversificou, incluindo o protagonismo feminino como aliado. No Brasil, as novas articulações entre os feminismos e movimentos populares também se fortaleceram. Alves *et al.* (2019) destacam o papel

² *Piquetero* ou *corte de ruta* está relacionado ao significado que o movimento deu à clássica ferramenta do piquete fora de fábrica, usando-a para interromper a circulação de mercadorias por meio do bloqueio de vias (WIDGDOR, 2016).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



importante das Organizações Não Governamentais (ONGs) feministas, que trabalharam de forma especializada e profissionalizada para pressionar o Estado ausente e com o objetivo de influenciar nas políticas públicas.

3 DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO E ARGENTINO

As reformas trabalhistas promovidas pela agenda neoliberal geralmente apresentam o argumento de que com as privatizações e a redução dos custos laborais, a economia se torna mais competitiva e, como consequência, há geração de novos postos de trabalhos. Entretanto, os benefícios dados aos empresários afetam diretamente a taxa de desemprego, renda do trabalhador, as contribuições previdenciárias, os sindicatos, e, conseqüentemente, o acesso à saúde e à educação.

Nesse sentido, Wigdor (2016) destaca que durante os governos neoliberais os mecanismos de redistribuição de produtividade para os setores mais vulneráveis da sociedade, como os programas de transferências de renda, via políticas públicas, como pensões, benefícios de auxílio doença e maternidade, etc., são os primeiros a sofrerem restrições econômicas. Portanto, tais ajustes causam um impacto regressivo na qualidade de vida das mulheres e das pessoas que reproduzem sua vida a partir das delas.

A Tabela 1 mostram alguns indicadores de mercado de trabalho classificados por gênero da Argentina e do Brasil em 2021. As mulheres apresentam uma taxa de ocupação significativamente menor do que a taxa de ocupação dos homens nos dois países, independente da presença ou ausência de filhos e filhas dentro do ambiente familiar. A taxa de ocupação mais alta para os homens se apresenta nas famílias com filhos e filhas entre 0 e 4 anos, enquanto para as mulheres evidencia a menor taxa de ocupação. Além disso, a autonomia econômica das mulheres se deteriorou entre o ano de 2019 e 2021, aumentando de 16,8% para 17,2 % de mulheres argentinas sem

PROMOÇÃO



APOIO



renda própria, e de 24,1% para 26,2% mulheres brasileiras sem renda própria (CEPAL, 2023).

Tabela 1 – Indicadores de mercado de trabalho segundo a presença de filhas, filhos e adolescentes, Argentina e Brasil (2021)

Dimensão	Indicador	Presença de filhos (crianças ou adolescentes)	Argentina		Brasil	
			Mulheres	Homens	Mulheres	Homens
Mercado de trabalho	Taxa de ocupação (entre 20 e 59 anos)	Famílias com filhas e filhos entre 0 e 4 anos	56,3	90	47,8	84,4
		Famílias com filhas e filhos entre 5 e 15 anos	66,6	86,8	56,1	81,2
		Famílias sem filhas, filhos e/ou adolescentes	67	78,5	56,8	73,4

Fonte: CEPAL (2023).

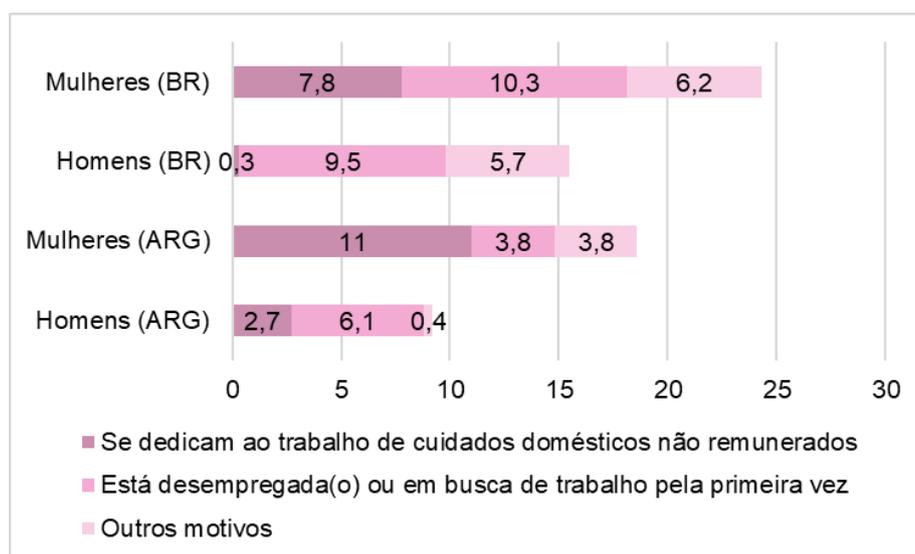


Gráfico 1 - População sem renda própria, Argentina e Brasil (2021)

Fonte: CEPAL (2023)

O Gráfico 1 apresenta para cada motivo descrito a porcentagem de mulheres e homens que não estudam e não estão empregados. Em 2021, na Argentina, 11% das mulheres não estudavam e não estavam empregadas por se dedicarem ao trabalho de cuidado doméstico não remunerado. No Brasil, este índice era 7,8%. No caso dos homens 2,7% dos argentinos apresentaram o mesmo motivo, e 0,3% dos brasileiros (CEPAL, 2023).

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A realidade das mulheres brasileiras e argentinas perpassa também pelo elemento raça, porém os dados argentinos não contemplam essa categoria. De acordo com a análise de Braz (2021), a (des)construção do censo demográfico argentino foi um dos fatores que causou o processo de invisibilização e negação dos afrodescendentes na Argentina.

No contexto brasileiro, o Boletim Especial 8 de março dia da mulher (DIEESE, 2022) apresenta o aumento da precarização do trabalho das mulheres, no cenário dos enftretamentos da pandemia, onde elas estiveram nas posições mais vulneráveis. Neste boletim mostra que, entre 2019 e 2021, 1,1 milhão de mulheres ficaram desempregadas, sendo 925 mil mulheres negras e 189 mil não negras. Durante o período houve também o aumento do número de mulheres na informalidade e volume de trabalhadoras por conta própria (*ibidem*, 2022). Em 2021, a diferença salarial entre homens e mulheres para o Brasil foi de 9,1% mais desigual que a Argentina, que marcou 6,3%.

4 CONCLUSÃO

A fim de verificar a relação entre as dinâmicas de trabalho que são geradas e exploradas dentro do sistema neoliberal e a consequência dessas dinâmicas na desigualdade de gênero no mercado de trabalho argentino e brasileiro, é necessário levar em conta especificidades históricas e econômicas da região. Esses países possuem sua própria história econômica, política, social e também de colonização.

É interessante pensar a relação que Gago (2014) apresenta, como uma autora latino-americana, do pensamento feminista com o neoliberalismo. Ela alcança a ideia de que corpos latino-americanos, principalmente de mulheres, são explorados como se fossem um território, pela desvalorização e exploração do trabalho reprodutivo como matéria-prima para manutenção do capital.

As consequências das reformas políticas neoliberais trouxe uma crise do desemprego, aumento do endividamento e a precarização das condições de trabalho, que afetam principalmente as trabalhadoreses mais vulneráveis, que trabalham por

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



conta própria e estão frequentemente em situação de incerteza e alto endividamento. A divisão sexual do trabalho é fator persistente na realidade brasileira e argentina. O trabalho do cuidado, principalmente não remunerado, são distribuídos de forma assimétrica entre mulheres e homens, e são socialmente condicionadas como uma função feminina, o que resulta na diminuição do tempo disponível das mulheres para trabalhos fora do ambiente doméstico e também para frequentar escolar e universidades.

Além da diferença de participação laboral, a discriminação também é reforçada pelo papel da raça. Diante disso, é importante destacar que a abordagem interseccional é instrumento fundamental na formulação de políticas públicas para mulheres, pois, em vez de priorizar apenas uma identidade social, investe, de forma estratégica, em grupos ou segmentos sociais que são mais vulneráveis à estrutura do regime neoliberal. Considerando a interseccionalidade como importante ferramenta teórica e política, dado que a sociedade ainda necessita de mudanças estruturais e institucionais, é necessário que estudos futuros se dediquem à intersecção raça, gênero e classe gerando outra racionalidade para compreender a nossa conjuntura atual.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª ed. Campinas: Cortez, Ed. Unicamp. 2000.

ARGENTINA. **Ley 27.610, de 30 de diciembre de 2020**. Acceso a la interrupcion voluntaria del embarazo. Buenos Aires: Congreso Argentino, [2020]. Disponível em: <http://servicios.infoleg.gov.ar/infolegInternet/anexos/345000-349999/346231/norma.htm>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99**: um manifesto. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BARRANCOS, D.; ARCHENTI, N. Feminismos e direitos das mulheres na Argentina: história e situação atual. In: BLAY, E.; AVELAR, L. (org.). **50 anos de feminismo**: Argentina, Brasil e Chile. São Paulo: EDUSP, Fapesp, 2019. p. 55-64.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

BIROLI, F. **Gênero e desigualdade**: limites da democracia no Brasil. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRAZ, D. L. F. A resistência de movimentos sociais e feminismos negros em Buenos Aires: Uma cidade que se crê fenotipicamente branca e culturalmente europeia. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 9, n. 1, p. 150-174, 2021.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. 1. ed. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CEPAL. **Balance Preliminar de las Economías de América Latina y el Caribe 2008**. [s. l.], 2008. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/970-balance-preliminar-economias-america-latina-caribe-2008>. Acesso em: 23 mai. 2023.

CEPAL. **Panorama Social de América Latina y el Caribe 2022**. [s. L.], 2023. Disponível em: <https://oig.cepal.org/es/documentos/panorama-social-america-latina-caribe-2022>. Acesso em: 23 jun. 2023.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774>. Acesso em: 21 jun. 2023.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIEESE. **Boletim Especial 8 de Março Dia da Mulher**. 2022. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2022/mulher.html>. Acesso em: 24 mai. 2023.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

FRASER, N. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FRASER, N.; JAEGLI, R. **Capitalismo em debate**: uma conversa na teoria crítica. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

GAGO, V. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2020.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

GAGO, V. **La razón neoliberal**: economías barrocas y pragmática popular. Buenos Aires: Tinta Limón, 2014.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979/87743>. Acesso em: 23 mai. 2023.

IBGE. **Estatísticas de gênero**: indicadores sociais das mulheres no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101784>. Acesso em: mai. 202.

MATTEI, L. F. Trajetória e atualidade da desigualdade na América Latina. **REBELA**, v. 7, n. 2, maio/ago. 2017.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

SCHERER-WARREN, I. Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória? **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 505-517, set./dez. 2008.

SOARES, L. T. R. Neoliberalismo e lutas sociais: perspectivas para as políticas públicas, retrocessos, recorrências e avanços. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, n. especial, p. 15-24, ago. 2010.

WIGDOR, G. B. "El ajuste tiene rostro de mujer": A 20 años de la plataforma de Beijing, las desigualdades se profundizan. **Revista Latinoamericana de Derechos Humanos**, v 27(2), II Semestre, p. 21-51. 2016.

CRISE DO NEOLIBERALISMO, JORNADAS DE JUNHO E ASCENSÃO DO NEOFASCISMO NO BRASIL

Denise de Jesus Albuquerque

RESUMO

Esse trabalho analisa as relações entre a crise do neoliberalismo, as Jornadas de Junho de 2013 e a emergência do neofascismo no Brasil. O neofascismo emerge como produto da crise do capital na contemporaneidade, como uma resposta à crise de legitimidade do

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



neoliberalismo. Sendo a crise inerente ao próprio capitalismo e tendo o neoliberalismo conquistado hegemonia a partir do final da década de 1970, verificamos que desde 2007/2008 este modelo tem sido questionado quanto às saídas implementadas do ponto de vista da classe trabalhadora e setores médios, o que coloca em xeque a própria legitimidade do neoliberalismo. Partindo de uma análise marxista, nossa hipótese é que as energias das Jornadas de Junho – expressão de um movimento global de rejeição ao projeto neoliberal – foram recuperadas pela extrema direita, com seu núcleo fascista. Esta análise permite pensar mais profundamente o alcance e a radicalidade política necessária à transformação do quadro em tela.

Palavras-chave: Crise do Neoliberalismo. Neofascismo. Jornadas de Junho

ABSTRACT

The present work has in its horizon that neo-fascism emerges as a product of the crisis of capital in contemporary times, that is, as a product par excellence of neoliberalism. In fact, he has shown himself to be adept at the dual task of governing the public machine and directing the illusory interests of the masses. The new fascism makes it clear that bringing the elements of former domination into the present is a fully possible and fruitful task for society's leaders. Starting from a Marxist analysis, we found that in the June 2013 Journeys in Brazil – an expression of a global movement rejecting the neoliberal project – it was the extreme right, with its fascist core, who managed to capture the anti-system sentiment of the masses and present them with a way out of the crisis outside institutionalism, although it was not anti-capitalist.

Keywords: Crisis of Neoliberalism. Neofascism. June Journeys

1 INTRODUÇÃO

Ao assistirmos atônitos ao “8 de janeiro” de 2023 – como ficou conhecido o dia em que o fascismo brasileiro tentou dar um golpe de Estado – a pergunta que nos vêm à mente é: como chegamos até aqui? Embora tenhamos atualmente uma série de análises que tentam dar conta da explicação do presente, tal resposta não é tão simples de ser dada, sobretudo porque estamos falando de uma realidade que ainda está em curso, de uma história que está sendo escrita dia após dia.

Os estudos que se debruçam sobre a realidade brasileira hodierna têm em comum o apontamento de junho de 2013 como imprescindível para a compreensão da virada de chave dos rumos da política brasileira. Ainda que não haja consenso sobre o caráter das chamadas jornadas de junho o fato é que a partir delas vai se

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

configurando no Brasil uma nova correlação de forças, na qual a extrema direita vai ganhando capilaridade até chegar pela primeira vez à Presidência da República, em 2018, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro. Algumas análises sugerem que as jornadas de junho foram desde o início hegemônicas pela direita em função da sua repulsa às organizações tradicionais (partidos, sindicatos e movimentos sociais); outras, por sua vez, apontam que tais manifestações apresentam-se no primeiro momento como manifestações populares, embora não tivessem uma direção devido ao seu caráter horizontalista. Aproveitando-se do sentimento antissistema destes movimentos, a direita e, sobretudo, a extrema direita, soube jogar o jogo e na disputa pela hegemonia daqueles movimentos acabou levando vantagem.

Apesar da importância do ano de 2013 para a compreensão do presente, não podemos partir dele para entendermos o Brasil de hoje. Isso porque o país não vive isolado do restante do mundo e tanto 2008 quanto 2011 são fundamentais para o entendimento da conjuntura atual. “Desde 2008, a economia capitalista, em escala global, vive um processo de depressão profunda, do qual se recuperou apenas parcialmente em algumas partes do planeta” (MATTOS, 2020, p. 147).

O Brasil não sentiu os impactos da crise de 2008 de imediato como os EUA e muitos países europeus. Todos se lembram da famosa frase do presidente Lula sobre a mais grave crise capitalista desde os anos 1970: “se chegar ao Brasil será uma marolinha”. Àquela época, de fato, a economia brasileira não sofreu tanto com os efeitos catastróficos da crise. O país “sofreu um impacto imediato dessa crise, com queda brusca na taxa de crescimento econômico no ano de 2009, mas pareceu recuperar-se rapidamente, em grande parte por conta do fluxo comercial com a China” (Idem). Por aqui, os efeitos vão ser sentidos a partir de 2014 quando os indicadores econômicos começam a mostrar um processo de desaceleração que vai ter impacto direto nas condições de governabilidade de Dilma Rousseff (PT). “A crise econômica iniciada em 2014 frustrou expectativas tanto no topo quanto na base da pirâmide social” (NUNES, 2022, p. 87).

PROMOÇÃO



APOIO





Os efeitos globais da hecatombe econômica de 2008 levaram a uma crise de legitimidade do neoliberalismo, sem que esta representasse, necessariamente, a derrocada deste modelo de gestão social, pois “o abalo simbólico e material sofrido pela autoridade do neoliberalismo se encontra parcialmente cancelado pela hegemonia neoliberal no campo dos afetos” (Idem, p. 14). O neoliberalismo³, portanto, é “mais do que uma doutrina econômica de resultados miseráveis, [é] um discurso moral capaz de fundamentar novas formas de sujeição social” (SAFATLE, 2022, p. 30).

O recurso a categorias morais e psicológicas para validação de sua doutrina econômica permitiu ao neoliberalismo entranhar-se no modo de ser e de pensar das pessoas de modo que “ações econômicas são justificadas nem sempre devido à sua eficácia propriamente econômica [...], mas devido à sua pretensa justeza moral na realização social da liberdade” (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2022, p. 22).

Destarte, a força do neoliberalismo reside no fato de que ela “molda nossos desejos, [...] recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios, e não apenas o que eles representam de si próprios” (Idem, p. 11). Compreender esse processo é primordial para entendermos o avanço da extrema direita neofascista com seu programa ultraliberal. Afinal, como aponta o filósofo Vladimir Safatle, o Brasil se transformou no “laboratório mundial do neoliberalismo autoritário de feições fascistas” (SAFATLE, 2022, p. 11).

2 CRISE DE LEGITIMIDADE DO NEOLIBERALISMO E JORNADAS DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL

A crise de legitimidade do neoliberalismo, decorrente da crise de 2008, tem um aspecto simbólico e outro material (NUNES, 2022). Do ponto de vista simbólico, a crise econômica em questão expôs de maneira bastante emblemática a quem serve

³ Hegemônico desde os anos 1970, o termo “neoliberalismo” foi usado pela primeira vez em 1938, em Paris, no Colóquio Walter Lippmann e simbolizou “o esforço para restaurar certas bases teóricas do liberalismo, num contexto em que este havia perdido a hegemonia” (FRANCO; CASTRO; MANZI et al., 2022, p. 47).

a ideia do *não intervencionismo estatal*. O que assistimos à época foram vultosas quantias de dinheiro público sendo usadas para salvar bancos privados, enquanto recaía sobre a população em geral, principalmente sobre a classe trabalhadora, os custos das medidas de reversão da crise. Esse processo “escancarou a convertibilidade do poder econômico em poder político que torna as promessas de uma ordem estritamente meritocrática e autorregulada inevitavelmente falsas” (Idem, p. 12). Já no que tange ao aspecto material, a crise de 2008 escancarou o fato de que “não só o problema de fundo continua irresoluto como a última solução encontrada para ‘comprar tempo’ gerou seus próprios problemas” (Ibidem).

É no bojo da crise de 2008 e das medidas encontradas pelos governos para a recuperação de suas economias, que podemos compreender as revoltas eclodidas em várias partes do mundo no ano de 2011, impulsionadas por aquilo que ficou conhecido como Primavera Árabe e que “constituíra a reação da sociedade civil global à crise de 2008” (NUNES, 2022, p. 119). Como aponta Safatle (2022, p. 118), esses movimentos⁴ “voltaram-se todos contra a associação entre democracia liberal e políticas de espoliação econômica potencializadas a partir da crise de 2008”.

Segundo Nunes (2022), nessa trajetória global com a conjuntura que se abre em 2011, temos dois momentos bastante distintos: na primeira metade estes movimentos inclinam-se à esquerda, reclamando uma maior participação política e igualdade econômica. Já na segunda metade da década, apontam para um favorecimento da extrema direita, quem melhor soube canalizar os sentimentos antissistêmicos daquelas revoltas iniciais. São exemplos dessa vantagem da extrema direita: o Brexit, a eleição de figuras como Donald Trump e Jair Bolsonaro e o crescimento de forças semelhantes em países como Alemanha, Espanha, França e Chile.

É partindo destes elementos da conjuntura mundial que podemos entender a realidade brasileira. Desse modo, Junho de 2013, em que pese suas particularidades,

⁴ *Occupy Wall Street, Indignados na Espanha, as revoltas que atingiram o mundo árabe, conhecidas como Primavera Árabe*

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

é uma página importante da história das revoltas contra o sistema do capital, que vimos emergir na década passada. De acordo com Mattos (2020, p. 158):

Junho de 2013 representou, contraditoriamente, o marco inicial da situação que hoje enfrentamos. Isso porque aqueles acontecimentos deram origem ao progressivo descolamento de frações da classe dominante em relação ao governo, uma vez que os protestos de massa demonstravam que a administração petista já não era eficiente em entregar aquilo que prometia (e efetivamente havia realizado nos anos anteriores, singularizando seu papel): a paz social baseada na lógica da conciliação de classes.

A onda de protestos que varreu o Brasil a partir de junho de 2013⁵ deve ser entendida, inicialmente, como uma clara demonstração de insatisfação de amplos setores da população – dos setores médios e da classe trabalhadora precarizada – contra o sistema, contra as instituições, contra a política de modo geral. As respostas dadas pela esquerda e pela direita é que vão nos ajudar a entender como chegamos até aqui. Tratou-se de “uma revolta dos governados contra os governantes” (NUNES, 2022, p. 167). É paradigmática, por exemplo, a imagem de manifestantes ateando fogo no Palácio do Itamaraty em 20 de junho de 2013, não tendo conseguido fazer o mesmo no Congresso Nacional por terem sido contidos pela polícia. “Nunca na história nacional houve a expressão mais evidente da desidentificação entre a população e as instâncias da ordem estatal” (SAFATLE, 2022, p. 43). Quase dez anos depois veremos novos símbolos do poder em Brasília sendo atacados, mas desta vez por golpistas que querem uma ditadura fascista. Vale dizer que os golpistas de 8 de janeiro de 2023, bolsonaristas⁶, contaram com o apoio da polícia militar e de setores das forças armadas.

As análises sobre Junho de 2013, como já dissemos, são as mais diversas e controversas possíveis. Algumas delas tentando articular aquele movimento com a

⁵ Após o aumento das tarifas de transporte na cidade de São Paulo, o Movimento Passe Livre (MPL) começou os protestos pela revogação, por melhorias no transporte público e mobilidade urbana. O movimento sofreu grande repressão por parte da polícia de São Paulo e foi criminalizado pelos governos estadual e municipal, além de ser desqualificado inicialmente pela imprensa nacional.

⁶ De acordo com Nunes (2022, p. 23): “o bolsonarismo é uma convergência real de diferentes tendências na sociedade brasileira, com potencial para se consolidar como uma força de primeira grandeza por um bom tempo; mas o arranjo de forças políticas que o exprime não é nem coerente nem necessariamente estável”.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



realidade atual, atribuem àquela onda de protestos o pântano ao qual nos vimos submersos em 2018 com a chegada da extrema direita de cariz fascista à esfera de poder central. No entanto, essa extrema direita – com seu núcleo fascista – não brotou do nada em 2018. Na verdade, antes mesmo de 2013 as forças de direita já vinham se reorganizando, acumulando forças para aproveitar a oportunidade ideal. A juventude que foi às ruas em 2015 pedir o *impeachment* da presidente Dilma, organizada em movimentos como o MBL (Movimento Brasil Livre), Revoltados Online etc. são frutos desse processo.

Como aponta Rodrigo Nunes, a criação do Instituto Millenium em 2005 foi fundamental para a propagação dos ideais ultraliberais junto à juventude universitária de classe média no Brasil.

Financiado por alguns dos grupos financeiros empresariais e midiáticos mais poderosos do país, esse think tank funcionou no sentido de popularizar ideias ultraliberais e, ao lado de atores como o Instituto Mises Brasil, fundado em 2002, contribuiu para um verdadeiro boom editorial nesse campo. [...] Isso criou um ambiente em que jovens ativistas libertários, sagazes no manejo das ferramentas de comunicação, começaram a se mobilizar, valendo-se ainda de doações de apoiadores internacionais como o Cato Institute (NUNES, p. 33).

Quando explodiram as manifestações de Junho de 2013, a partir da ação do Movimento Passe Livre esta juventude de direita organizada em torno destes ideais ultraliberais organizou-se em torno de coletivos de juventude que fossem capazes de disputar a hegemonia destas manifestações. É o caso do Movimento Brasil Livre (MBL) criado a partir da ação do Estudantes pela Liberdade (EPL). Este, por sua vez, é “apresentado no Fórum da Liberdade (um encontro político-empresarial que se realiza desde 1988, difundindo as propostas neoliberais e o pensamento de direita no Brasil), em 2012[...]” (MATTOS, 2020, p. 185). Desse modo, podemos entender o EPL como “um aparelho privado de hegemonia voltado para formar e organizar elementos da juventude universitária em torno de propostas neoliberais”. Um ponto a ser explicado, no entanto, é como a extrema direita, a partir de seu núcleo fascista, ganha força a ponto de eleger Bolsonaro em 2018. Para tal explicação existe um conjunto de fatores a serem considerados.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Como já dissemos, Junho de 2013 é um ponto central, mas não saltamos de paraquedas do ano de 2013 para 2018. Segundo Nunes (2022, p. 178), “é melhor falar de ‘Junho’ como um ciclo de protestos que se abre em junho de 2013 e se encerra na Copa de 2014”. Disso decorre o fato de que este ciclo teve várias fases e no Brasil algumas particularidades. Na primeira fase – do início a meados de junho –, os protestos são liderados por grupos de esquerda autonomistas, como o Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo. Na segunda fase, após a viralização e crescimento da adesão aos protestos após a pesada repressão policial que os manifestantes sofreram em São Paulo, temos uma investida por parte da direita e dos meios de comunicação que passam a “apoiar” os protestos impondo-lhes suas próprias agendas. Nunes (2022) aponta esse fato como uma das particularidades do caso brasileiro.

Esse reforço da mídia fez com que fosse às ruas “tanto pessoas que já se identificavam com a direita como [...] pessoas que não possuíam identidade política definida e estavam tendo sua primeira experiência de participação” (Idem, p. 179). A terceira fase se deu entre julho e agosto com protestos e iniciativas distintas dos grandes atos de junho como ocupações de câmaras municipais, “rolezinhos”, protestos nas periferias, greves etc. Já a quarta e última fase, “terá uma composição muito mais homogênea e números cada vez mais minguados, desaguando no meio de 2014 no movimento Não Vai Ter Copa” (Idem, p. 180).

Embora os fatos políticos de 2015, 2016 e 2018 não possam ser identificados diretamente com Junho de 2013, eles são, em certa medida, desdobramentos da conjuntura que se abriu em 2013. A partir dali, temos uma movimentação muito maior da direita e extrema direita brasileiras que, se não estavam mortas nos anos de governos do PT, não tinham o fôlego que 2013/2014 lhe deram.

Soma-se a tudo isso, obviamente, a mudança na conjuntura econômica brasileira que, a partir de 2014, passa por um processo de desaceleração, fruto da crise mundial. Vale dizer também, que as respostas dadas aos protestos de Junho por parte do governo Dilma não foram capazes de contemplar as expectativas dos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

setores descontentes que foram às ruas. A direita aproveitou-se então deste sentimento antissistema e jogou com a identificação sistema = governo= esquerda e nisso foi se forjando o antipetismo.

Aqueles que, de certa forma, foram às ruas contra o sistema político e suas instituições, viram por parte da esquerda que governava uma grande operação de salvamento das instituições políticas e do sistema. Não houve, efetivamente, mudanças que democratizassem as instituições e que operassem mudanças no Estado brasileiro que contemplassem a base social dos governos petistas. Nesse sentido, “é preciso afirmar que a direita não estava predestinada a vencer: *a esquerda foi derrotada*, o que significa que houve uma disputa cujo resultado poderia ter sido outro” (Idem, p. 182, grifos do autor).

O que Junho demonstrou foi “a existência de algo que poderíamos chamar de ‘plasticidade revolucionária’ da sociedade brasileira. Contra essa plasticidade revolucionária, seria necessária uma contrarrevolução preventiva” (SAFATLE, 2022, p. 44). É nesse contexto que se verifica uma ofensiva política contra o governo Dilma por parte do capital internacional e de setores da burguesia brasileira a ele integrado, com o objetivo de “restaurar a hegemonia do neoliberalismo puro e duro” (BOITO JÚNIOR, 2016, p. 28). A frente neodesenvolvimentista encabeçada pelo PT estava em crise e as forças restauradoras viram na desaceleração da economia a chance de ouro para enfrentar “as medidas de radicalização do neodesenvolvimentismo tomadas pela presidente Dilma – redução inusitada da taxa básica de juros, novas medidas protecionistas e depreciação cambial, entre outras” (Idem).

De acordo ainda com Boito Júnior (2016), três acontecimentos são responsáveis pela vitória da grande ofensiva neoliberal restauradora: primeiro, a entrada da alta classe média no processo político com força social ativa e militante; segundo, a debandada da grande burguesia interna da frente neodesenvolvimentista e; por fim, o recuo do governo Dilma diante de tal ofensiva.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Soma-se a tudo isso as investigações da Operação Lava Jato,⁷ deflagrada em 2015, que desvelam um esquema de corrupção envolvendo diversos partidos, mas que atinge principalmente a imagem do Partido dos Trabalhadores – como se a corrupção no Brasil tivesse começado nos governos petistas e sua eliminação demandasse, portanto, o fim do próprio PT. Assim, “com a bajulação e o apoio [...] de parlamentares, empresários e meios de comunicação, MBL, Vem Pra Rua e Revoltados Online dariam à “velha direita” o movimento de massas que ela nunca lograra construir” (NUNES, 2022, p. 188).

Nunes (2022) destaca que às margens dos protestos de 2015, pelo impeachment de Dilma Rousseff, algo novo começava a se formar: era extrema direita – discípulos de Olavo de Carvalho, patriotas, conservadores, defensores da ditadura militar etc. – que se animava “em buscar uma solução de compromisso com os partidos conservadores tradicionais” (Idem, p. 188). O que pudemos testemunhar foi “uma vinculação orgânica entre os movimentos de massa, com composição dominante de setores médios, que serviram de justificativa para o Golpe de 2016 e a base eleitoral de Bolsonaro em 2018” (MATTOS, 2020, p. 202).

3 O AVANÇO DA EXTREMA DIREITA NEOFASCISTA E A VITÓRIA DE BOLSONARO

Um século após a ascensão do partido fascista ao poder na Itália, o mundo assiste atônito ao avanço de governos de extrema direita, alguns destes com um discurso e prática semelhantes ao fascismo histórico, resguardadas as devidas particularidades de contexto.

Trabalhando com a categoria neofascismo, Löwy (2019, n.p.) caracteriza como neofascistas “líderes, partidos, movimentos ou governos que tem semelhanças significativas com o fascismo clássico dos anos 1930 [...] mas também algumas

⁷ “A Lava Jato foi a injustiça de transição para o fascismo ou o experimento político-cultural-simbólico-legal que fez a passagem da Justiça e do Ministério Público tais como concebidos pela Constituição – pilares do Estado democrático de direito – para a justiça fascista, em gestação. Constituiu também um laboratório para aprofundar a prostração nacional ante agências de espionagem e interesses internacionais [...]” (SOARES, 2022, p. 49).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

diferenças substanciais”. Segundo ele, trata-se de fenômenos novos que, por vezes têm raízes históricas no fascismo histórico, mas que se apresentam de nova forma.

Para fins de caracterização do fascismo de nosso tempo – que aqui trataremos como neofascismo – faz-se imprescindível examinar as semelhanças e diferenças entre estas duas formas de um mesmo fenômeno, a forma clássica, histórica, e a forma contemporânea (neofascismo). Num trabalho de análise crítica, Marcelo Badaró (2020) traz à baila o debate atual sobre o caráter da extrema-direita global colocando em questão a perspectiva neofascista destas experiências presentes.

É fato inconteste o avanço global da extrema-direita no contexto hodierno. Para citar exemplos, temos os governos de Modi (Índia), Orbán (Hungria), Erdogan (Turquia), Duterte (Filipinas), Trump (EUA), Bolsonaro (Brasil) e, mais recentemente, Giorgia Melonia (Itália). No entanto, quando se trata de caracterizar essa extrema-direita e seu caráter fascista ou não, tem-se aqui um campo vasto para polêmicas. Enzo Traverso (2021), por exemplo, utiliza o termo pós-fascismo para falar de um fenômeno ainda em transição, típico do século XXI, enquanto o neofascismo diria respeito à tentativa de perpetuar e regenerar o fascismo clássico.

Concordamos com Badaró (2020, p. 66) que “para avaliar a presença do fascismo no mundo de hoje [é preciso] reconhecer que não vivemos mais a ‘época dos fascismos””. Nesse sentido, constitui erro grosseiro tentar igualar a experiência histórica do fascismo do século XX às experiências vivenciadas nesta terceira década do século XXI, pois “o contexto em que agora emergem ideologias, programas, organizações políticas e governos que podemos associar ao fascismo é, com certeza, muito diferente” (Idem).

Não sendo possível igualar experiências com um lastro de pelo menos cem anos de distância entre uma e outra, num mundo marcado por profundas transformações, pode-se ao menos tentar apontar os traços que permanecem e aqueles que se metamorfosearam quando estamos falando de fascismo. Para tanto, recorreremos a alguns estudiosos do campo da teoria crítica que têm se dedicado a estudar o neofascismo.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Michael Löwy (2019), por exemplo, tratando da experiência brasileira caracteriza o governo Bolsonaro como neofascista e aponta que o que este tem em comum com o fascismo clássico é, dentre outros aspectos: o seu autoritarismo e sua preferência por formas ditatoriais de governo, além do culto do chefe, um mito, o “salvador da pátria” – nesse caso, o próprio Bolsonaro. Além destas semelhanças, Löwy (2019), destaca também o “ódio às esquerdas”, o “social-darwinismo” que se manifestou no trato à pandemia de Covid 19 (a ideia de sobrevivência dos mais fortes), o obscurantismo (com seu desprezo pela ciência), a ideologia repressiva (culto à violência policial) e a retórica nacionalista (“Brasil Acima de Tudo”), ainda que esta não se contraponha à globalização.

Referindo-se às diferenças entre o neofascismo e o fascismo clássico Löwy (2019) destaca a ausência de Estados totalitários que possam ser comparados ao regime fascista italiano ou ao Terceiro Reich nazista. Além disso, o pensador marxista afirma também que “os partidos neofascistas atuais não organizam tropas de choque paramilitares uniformizadas para aterrorizar a esquerda” (Idem). Outras diferenças são: a) no contexto atual, não existe uma ameaça revolucionária; b) o apoio a governos neofascistas como os de Trump, Bolsonaro e Le Pen não está limitado à pequena burguesia, incluindo até mesmo setores da classe operária; c) no caso do Brasil, não existe uma continuidade política e ideológica entre os setores neofascistas e o fascismo clássico dos anos 1930 (o movimento integralista).

No que tange ao avanço da extrema direita brasileira, vemos que a base social que foi às ruas em 2015 e que votou em Bolsonaro em 2018, não é composta exclusivamente de neofascistas. Sendo uma base heterogênea, formada em sua maioria por pessoas de classe média e classe média alta, mas também setores da classe trabalhadora, o que deu unidade a esta massa foi a combinação dos seguintes elementos: “discursos anticorrupção/antipetismo; conservadorismo moral de fundo religioso, misógino e LGBTfóbico; liberalismo econômico; militarismo e pregação do tipo “bandido bom é bandido morto” (MATTOS, 2020, p. 202).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Embora a base social que elegeu Bolsonaro não fosse em sua totalidade fascista, o bolsonarismo e Bolsonaro são. Como destaca Soares (2022), há duas razões para identificarmos o bolsonarismo com o fascismo. Primeiro, do ponto de vista político, ele representa muito mais que a mera polarização esquerda x direita. Segundo, porque ele reúne elementos comuns tanto à experiência do fascismo histórico europeu quanto de sua versão brasileira.

Para a vitória de Bolsonaro no pleito de 2018, no entanto, foi importante a realocação do próprio deputado nos anos anteriores, diante do processo de reorganização pelo qual passou a extrema direita após Junho de 2013. Destarte, “é preciso ter em conta novos elementos, ou novas ênfases, que passaram a compor seu discurso e constituem pilares ideológicos do bolsonarismo, como linha de frente do neofascismo à brasileira” (MATTOS, 2020, p. 171). Dentre os novos elementos, destaca-se a busca de uma teoria neofascista, a aproximação com o “olavismo” que lhe garantiu investir em teorias negacionistas e conspiratórias, além do combate à chamada “ideologia de gênero”. Para Mattos (2020), dois ingredientes, entretanto, constituem o “cimento ideológico” da popularidade bolsonarista: o recurso à violência (estatal ou miliciana) como resposta à violência produzida nas cidades brasileiras, o que se traduz na fórmula “bandido bom é bandido morto”; e o discurso anticorrupção – que alimentou o antipetismo – frequentemente mobilizado pela direita brasileira em momentos em que avança o reacionarismo.

Além destes elementos aqui destacados, alguns outros cinco fatores são apontados por Soares (2022) como impulsionadores da vitória de Bolsonaro: 1) a exclusão de Lula – com sua prisão política e arbitrária; 2) o atentado contra Bolsonaro; 3) a precipitação da lógica do segundo turno ainda no primeiro, como resultado da combinação do Movimento “Ele Não” e o antipetismo; 4) a adesão em massa de evangélicos neopentecostais à campanha de Bolsonaro; 5) a adesão das elites brasileiras.

A pergunta pela origem/sentido da nova-extrema direita brasileira tem sido repetida incansavelmente nos últimos tempos. Em meio à diversidade de respostas

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



possíveis, o ponto comum reside, talvez, na perspectiva de que o neofascismo do nosso país ganhou fôlego no refluxo das manifestações progressistas conhecidas como Jornadas de Junho de 2013. De fato, a partir desse instante vai se configurando no Brasil uma nova correlação de forças e o centro da cena pública passa a ser colonizado pela agenda conservadora (SILVA, 2016). Por conseguinte, a extrema direita vai ganhando capilaridade, isto é, o momento de exceção avança (SILVA, 2018) até desaguar, pela primeira vez, na Presidência da República, em 2018, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro.

4 CONCLUSÃO

Voltando ao problema inicial que norteia este trabalho, “O que levou à vitória eleitoral da extrema direita no Brasil e ao crescimento do seu núcleo fascista após as jornadas de junho de 2013?”, deparamo-nos com a questão das respostas dadas pela esquerda e pela direita às demandas que emergiram e emergem a todo momento exigindo soluções à altura.

Apesar de considerarmos a importância do ano de 2013 para a compreensão do presente, acreditamos que se mostra imprescindível reconhecer tal cenário de um ponto de vista ainda mais expansivo. Para nós, tanto 2008 quanto 2011 são fundamentais para o entendimento da conjuntura atual. Afinal, “desde 2008, a economia capitalista, em escala global, vive um processo de depressão profunda, do qual se recuperou apenas parcialmente em algumas partes do planeta” (MATTOS, 2020, p. 147). Reconhecemos, assim, a presença fundamental, isto é, o eterno retorno, da nossa velha inimiga: a crise capitalista (MARX, 2011).

Evidenciamos, portanto, que as Jornadas de Junho de 2013 representaram uma rejeição às instituições políticas e ao projeto neoliberal – este último sendo uma resposta das classes dominantes à crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2002) – e a extrema direita com seu discurso antissistema e antipolítica conseguiu canalizar essa insatisfação popular. Falta à esquerda brasileira (ou às esquerdas) um discurso e prática radical de ruptura com a institucionalidade burguesa o que, em momentos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



de crise política, econômica e social – como a que se abriu em 2008 – abre caminho para o crescimento e reaparição do movimento fascista no Brasil.

REFERÊNCIAS

BOITO JÚNIOR, A. A questão do fascismo no governo Bolsonaro. **Brasil de Fato**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/10/artigo-or-a-questao-do-fascismo-no-governo-bolsonaro>. Acesso em 16/01/23.

FRANCO, F. et al. Os sujeitos e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, p. 47-75.

LÖWY, Michael. **Neofascismo**: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/>. Acesso em 06/11/2022.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Vol. I. São Paulo: Boitempo, 2011.

MATTOS, M. B. **Governo Bolsonaro**: neofascismo e autocracia no Brasil. São Paulo: Usina Editorial, 2020.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

NUNES, R. **Do transe à vertigem**: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

SAFATLE, V. **Só mais um esforço**: como chegamos até aqui ou como o país dos “pactos”, das “conciliações”, das “frentes amplas” produziu seu próprio colapso. São Paulo: Vestígio, 2022.

SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SILVA, I. G. A agenda conservadora assume o centro da cena política no Brasil. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 36, p. 140-150, jan./jun. 2016.

SILVA, Ilse Gomes. Estado e lutas sociais no Brasil no golpe de 2016: o Estado de exceção avança. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 22, p. 503-518, 2018.

PROMOÇÃO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



SOARES, L. **Dentro da noite feroz**: o fascismo no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2020.

TRAVERSO, E. **As novas faces do fascismo**. São Paulo: Editora Âyiné, 2021.

PROMOÇÃO



APOIO

